

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC RÔMULO BEZERRA FERNANDES

A DESLEALDADE DO CONTRAINSURGENTE E OS RESULTADOS  
POLÍTICOS NO MUNDO ÁRABE:

Um estudo comparativo da Primavera Árabe com a teoria de David Galula.

Rio de Janeiro

2021

CC RÔMULO BEZERRA FERNANDES

A DESLEALDADE DO CONTRAINSURGENTE E OS RESULTADOS  
POLÍTICOS NO MUNDO ÁRABE:

Um estudo comparativo da Primavera Árabe com a teoria de David Galula.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra  
Naval, como requisito parcial para conclusão do  
Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.  
Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2021

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola de Guerra Naval por intermédio do corpo docente e administração pelo esforço em nos proporcionar o melhor curso possível, enfrentando corajosamente todas as dificuldades impostas pela pandemia.

Ao meu orientador CF (RM1) Nagashima por toda a disponibilidade, conhecimento e orientações seguras que me aproaram pro rumo certo, possibilitando que chegasse até aqui com águas seguras.

Aos meus amigos de curso com os quais tenho a satisfação de dividir os bancos escolares mais uma vez. Agradeço em especial ao meu dileto amigo CC Almeida Barbosa com o qual percorri mais esta jornada, na certeza que lograríamos êxito mais uma vez.

Agradeço à minha mãe Aparecida por sempre estar do meu lado derramando bênçãos e me encorajando. Aos meus irmãos por vibrarem com minhas conquistas e por servirem de exemplo. Ao meu amigo Ricardo Tramont com quem dividi as dificuldades e sempre encontrei palavras de apoio.

À minha noiva Hayanne, meu porto seguro nesta travessia, por compreender os momentos de aflição e por sempre me apoiar, encorajar e impulsionar, me fazendo chegar mais longe.

Por último, agradeço a Deus que sempre está ao meu lado, segurando o timão, me iluminando e guiando minha singradura.

*“Ao querer sufocar as revoluções pacíficas, tornam-se inevitáveis as revoluções violentas”*

(JOHN F. KENNEDY)

## RESUMO

Em dezembro de 2010 o mundo assistiu o início de um movimento político e social de contestação dos poderes estabelecidos que iria impactar a maioria dos Estados árabes existentes no Norte da África e no Oriente Médio. Este evento ficou conhecido como a Primavera Árabe e apresentou diferentes resultados nos diferentes locais em que se manifestou. Neste sentido o propósito desta pesquisa é responder a seguinte questão: Teria a Primavera Árabe tido aderência a teoria da contrainsurgência de David Galula? Em face da abrangência deste acontecimento e para viabilizar o alcance do propósito estabelecido, este estudo escolheu um espaço amostral de quatro Estados que entendemos representar a Primavera Árabe. Os Estados escolhidos foram a Tunísia, Egito, Líbia e Síria e apresentam resultados e desenvolvimentos diferentes das insurgências ocorridas. Desta forma este trabalho é uma dissertação e o desenho da pesquisa é um estudo comparativo, onde comparamos os objetos selecionados com a teoria citada. Para possibilitar esta comparação detalhamos a teoria de David Galula, apresentamos uma contextualização histórica dos Estados árabes e realizamos uma investigação dos movimentos insurgentes nos objetos do estudo. Por fim concluímos a pesquisa demonstrando os resultados colhidos nesta comparação e respondendo a questão apresentada no propósito.

Palavras-chave: Estados árabes, Primavera Árabe, insurgências, David Galula

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|          |   |    |
|----------|---|----|
| Figura 1 | Mapa dos Estados envolvidos na Primavera Árabe..... | 59 |
| Figura 2 | Posição geográfica e fronteiras da Tunísia.....     | 60 |
| Figura 3 | Posição geográfica e fronteiras do Egito.....       | 61 |
| Figura 4 | Posição geográfica e fronteiras da Líbia.....       | 62 |
| Figura 5 | Posição geográfica e fronteiras da Síria.....       | 63 |

## LISTA DE TABELAS

|          |  |    |
|----------|--|----|
| Tabela 1 | Matriz de comparação dos objetos com a teoria..... | 50 |
| Tabela 2 | Tamanho dos Estados e das populações em 2011.....  | 58 |

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>2</b> | <b>O MOVIMENTO DA INSURGÊNCIA E SUAS CARACTERÍSTICAS.....</b> | <b>11</b> |
| 2.1      | A insurgência.....  | 11        |
| 2.2      | Peculiaridades do movimento insurgente.....                   | 12        |
| 2.3      | Os pré-requisitos do movimento insurgente.....                | 15        |
| 2.3.1    | A debilidade do contrainsurgente.....                         | 16        |
| 2.3.2    | As condições geográficas.....                                 | 18        |
| 2.3.3    | Apoio externo.....  | 19        |
| 2.4      | Conclusões parciais.....                                      | 19        |
| <b>3</b> | <b>A PRIMAVERA ÁRABE E OS ESTUDOS DE CASO.....</b>            | <b>21</b> |
| 3.1      | Contextualização histórica.....                               | 21        |
| 3.1.1    | O domínio pelo Império Otomano.....                           | 21        |
| 3.1.2    | A IGM e o fim do Império Otomano.....                         | 22        |
| 3.1.3    | A colonização anglo-francesa.....                             | 23        |
| 3.1.4    | A independência dos Estados árabes.....                       | 24        |
| 3.1.5    | O surgimento da causa insurgente.....                         | 27        |
| 3.2      | As insurgências na Primavera Árabe.....                       | 29        |
| 3.2.1    | Tunísia.....  | 29        |
| 3.2.2    | Egito.....  | 31        |
| 3.2.3    | Líbia.....  | 24        |
| 3.2.4    | Síria.....  | 38        |
| 3.3      | Conclusões parciais.....                                      | 42        |
| <b>4</b> | <b>COMPARAÇÃO ENTRE OS OBJETOS E A TEORIA.....</b>            | <b>44</b> |
| 4.1      | Similaridades entre os conflitos.....                         | 44        |
| 4.2      | Aderência dos objetos com a teoria.....                       | 45        |
| 4.3      | Incompatibilidade dos objetos com a teoria.....               | 48        |
| 4.4      | Apresentação da Matriz.....                                   | 50        |



|          |                         |           |
|----------|-------------------------|-----------|
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>51</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b> | <b>54</b> |
|          | <b>APÊNDICE.....</b>    | <b>58</b> |
|          | <b>. ANEXOS.....</b>    | <b>59</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A disputa pelo poder é inerente aos homens dentro de uma sociedade. Após a conquista do poder, representada principalmente pela figura do governante da sociedade, ele deve se preocupar em manter a estabilidade interna neste Estado<sup>1</sup>, permitindo a manutenção do poder conquistado.

Por outro lado, sendo o homem sequioso pelo poder, é de se esperar que existam outros indivíduos dispostos a retirar do poder o governante vigente, fazendo prevalecer os seus interesses. Neste sentido surge o fenômeno da insurgência, onde um grupo formado por rebeldes estabelece um planejamento para cooptar outras pessoas, crescendo em importância e força, a ponto de em um determinado momento realizar um levante insurgente.

Uma teoria que se propôs a estudar esta dinâmica e a delimitar de forma acadêmica e objetiva é a do coronel David Galula (1919-1967) na sua obra “*Counterinsurgency warfare: Theory and Practice*”<sup>2</sup> escrita em 1964.

A partir desta teoria, realizaremos um estudo sobre a Primavera Árabe. Este estudo será uma dissertação e usaremos um desenho de pesquisa do tipo estudo comparativo. Não adotaremos o uso de hipóteses e teremos como propósito responder a seguinte questão: Teria a Primavera Árabe tido aderência a teoria da contrainsurgência de David Galula?

Os acontecimentos da Primavera Árabe iniciado em 2010 foram abrangentes e ainda estão em desenvolvimento como no caso da Síria. Ela ocorreu no Norte da África e no Oriente Médio, se materializando em mais de dez Estados árabes diferentes (ANEXO A). Devido à complexidade deste evento, iremos utilizar um espaço amostral que julgamos

---

<sup>1</sup> Entende-se como Estado neste trabalho a seguinte definição: “O Estado constitui urna sociedade politicamente organizada em um lugar e tempo determinado, onde vigora determinada ordem de convivência, com um poder soberano, único e exclusivo” (DIAS, 2013, p. 50)

<sup>2</sup> “Contrainsurgência: Teoria e prática” (Tradução nossa).

representativo do fenômeno da Primavera Árabe.

Desta forma, escolhemos quatro Estados que podem representar o movimento como objetos de estudo. Começamos pela Tunísia, por ter sido onde a Primavera Árabe iniciou (ANEXO B). Seguimos com Egito, pois a partir desta insurgência o movimento ganhou maior vulto para os demais Estados árabes (ANEXO C). Por fim, selecionamos a Líbia, conforme o ANEXO D e a Síria em evidência no ANEXO E, pois nestes Estados as insurgências tornaram-se guerras civis. Podemos notar que os desenvolvimentos dos conflitos tomaram rumos diferentes, demonstrando a diversidade e complexidade deste evento.

Para atingir o propósito deste trabalho, estruturamos esta dissertação em cinco capítulos, onde iniciamos com esta introdução, definindo os objetos como as revoluções ocorridas por ocasião da Primavera Árabe nos Estados da Tunísia, Egito, Líbia e Síria e a teoria da contrainsurgência do David Galula.

No segundo capítulo iremos estudar a teoria citada, buscando detalhar as características gerais da insurgência e os pré-requisitos para que ela obtenha sucesso. Em seguida, realizaremos uma contextualização histórica que poderá nos fornecer subsídios para entendermos como o Norte da África e o Oriente Médio chegaram à Primavera Árabe. Posteriormente, estudaremos os objetos individualmente, observando as características de cada insurgência e como elas se desenvolveram.

Ao final destes capítulos, teremos o conteúdo necessário para realizarmos a comparação deste estudo. Confrontaremos os objetos com a teoria e buscaremos as aderências e incompatibilidades entre eles. Por fim, encerraremos com a conclusão onde apresentaremos o resultado da comparação, respondendo a pergunta cerne desta dissertação.

Desta forma, passaremos a estudar no próximo capítulo a teoria da contrainsurgência de David Galula, destacando as características gerais e os pré-requisitos.

## 2 O MOVIMENTO DA INSURGÊNCIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Pra iniciarmos o trabalho é necessário definirmos o que é a insurgência e suas características. Após isto, nos debruçaremos sobre a teoria da contrainsurgência de David Galula para melhor entendermos a guerra revolucionária<sup>3</sup>, as suas peculiaridades e os pré-requisitos para o seu êxito.

### 2.1 A insurgência

Por definição linguística podemos entender que a insurgência é o ato de rebelar-se contra um poder estabelecido. Buscando sofisticar esta definição, podemos citar um trecho da obra “*Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*” do autor David Galula:

Por outro lado, uma insurgência é uma luta prolongada, levada a efeito metodicamente, paulatinamente, a fim de se alcançar objetivos intermediários específicos que levam finalmente à derrubada da ordem vigente (GALULA, 1964, p. 2, tradução nossa).<sup>4</sup>

Como observamos na passagem, a insurgência inicia de forma lenta e contínua, não sendo acidental e sim planejada, embora tenha o seu início de forma imprevisível, pois irá se aproveitar de um momento oportuno para tal.

Ela começará a partir de uma lacuna ou uma desordem do Estado, seja esta de cunho político, econômico, social, entre outros. Normalmente, esta ausência do Estado citada provoca uma situação revolucionária<sup>5</sup>, que sequer precisa chegar ao seu ponto mais tenso para o movimento da insurgência iniciar (GALULA, 1964).

---

<sup>3</sup> Neste trabalho a expressão “guerra revolucionária” terá o mesmo significado que “guerra de insurgência”.

<sup>4</sup> No original: “On the other hand, an insurgency is a protracted struggle conducted methodically, step by step, in order to attain specific intermediate objectives leading finally to the overthrow of the existing order”.

<sup>5</sup> Entende-se como situação revolucionária o período antes de uma revolução, mesmo que ela de fato não venha a ocorrer, pois a revolução é um movimento súbito, curto e sem planejamento, ficando latente esta situação até o levante explodir (GALULA, 1964).

Desta forma, observamos que a insurgência tem um objetivo bem definido que é a mudança da ordem em vigor e para tal, esperará o momento propício para pôr o seu plano em ação. Podemos associar com certa facilidade esta definição com o nosso objeto de estudo, onde os protestos civis se iniciaram na Tunísia devido a uma questão política e social, quando o movimento insurgente se aproveitou do momento conturbado do Estado para iniciar as suas ações. Naturalmente, podemos especular que os insurgentes já existiam e apenas aguardavam o gatilho necessário para dar início às suas ações violentas, aproveitando-se do apoio das massas.

## 2.2 Peculiaridades do movimento insurgente

Uma característica marcante em todo início do movimento insurgente é a assimetria existente entre as forças rebeldes e as forças governamentais, como as forças armadas, conhecidas no nosso trabalho como contrainsurgência. Decorrente desta assimetria de forças podemos observar algumas peculiaridades deste movimento (GALULA, 1964).

O primeiro ponto é que o insurgente, sabendo de sua fragilidade bélica, sempre esperará o melhor momento para agir. Ele sempre usará a iniciativa estratégica ao seu favor, começando o conflito e evitando neste primeiro momento o confronto direto com as forças contrainsurgentes (GALULA, 1964).

O insurgente tem a capacidade de usar a tática do *hit and run*<sup>6</sup>, recusando a batalha. Ele inclusive poderá se lançar de atos terroristas para fustigar o Estado e chamar a atenção midiática à sua causa. O Estado oferece alvos fixos onde o insurgente pode atacar e se evadir, alcançando o efeito desejado da ação terrorista (GALULA, 1964).

---

<sup>6</sup> A tática do *hit and run* consiste no rebelde realizar uma breve ação ofensiva e se evadir rapidamente, evitando o contragolpe das forças estatais. Tem o objetivo de desestabilizar o governo vigente e desgastar o contrainsurgente (GALULA, 1964).

Para o rebelde é muito barato realizar estas ações que são eficientes para causar a desordem, que é um objetivo inicial para ele, enquanto que para o contrainsurgente é muito custoso, pois o esforço para gerar a segurança é imenso e caso não consiga provê-lo, a sua autoridade será desgastada, gerando insatisfação na população, que é exatamente o que o insurgente deseja (GALULA, 1964).

Por outro lado, a contrainsurgência mesmo sendo forte e dispendendo de todo o aparato estatal, pouco tem a fazer na prevenção, pois ele não conhece o inimigo, não sabe suas intenções e tão pouco onde e quando ele vai agir. Não existe um alvo concreto a ser atacado. O contrainsurgente normalmente apenas tenta limitar as condições que podem tornar propícia a insurgência (GALULA, 1964).

Podemos entender que apesar do insurgente ser fraco militarmente no seu início, ele dispõe de uma coisa que o Estado não tem. O rebelde defende uma ideologia para alcançar os seus objetivos. Este fator intangível dá força ao insurgente e faz com que o tempo seja o seu aliado. Se esta causa for bem trabalhada, ela pode ganhar eco no povo<sup>7</sup>, angariando mais pessoas para o movimento, tornando-o forte o suficiente para dar início à insurgência.

Desta conclusão observamos que o insurgente tem uma meta bem definida para alcançar o seu objetivo maior que é a derrubada do poder vigente do Estado. A sua tarefa inicial é obter o apoio da população<sup>8</sup>. Ele precisa que a população esteja do seu lado, obtendo o seu apoio ativo. Em contrapartida, o Estado tentará que no mínimo o povo seja passivo, não tomando partido para a ideologia rebelde.

A única forma inicial de o insurgente conseguir o apoio populacional é por meio da sua ideologia. Usar uma questão de debilidade do Estado, e que seja o anseio da população é tudo que o rebelde tem. Ele precisa defender esta causa e o povo precisa enxergar nele a

---

<sup>7</sup> Entende-se como povo neste trabalho a seguinte definição: "[...] o povo compreende as pessoas submetidas ao poder do Estado ligadas a este por um vínculo de cidadania [...]" (DIAS, 2013, p. 97)

<sup>8</sup> Neste trabalho o termo população terá o mesmo significado de povo.

solução que o Estado não propõe. A sua causa é a esperança da população (GALULA, 1964).

Para dar força a sua ideologia, o insurgente se utiliza da propaganda. Cabe ressaltar que o rebelde não tem compromisso nenhum com a realidade ou com a retórica que ele utilizará para convencer as pessoas. Não tem responsabilidade sobre o que ele promete entregar. Ele pode mentir ou exagerar, pois para ele o importante é conseguir adeptos. Ele nunca será julgado pelo o que entregou de fato, o importante é conquistar as mentes e os corações das pessoas por meio de sua propaganda (GALULA, 1964).

Na fase inicial, onde a insurgência ainda é um movimento de baixa intensidade, a organização da sua estrutura demanda tempo, sendo necessária a obtenção de recursos monetários para desenvolver a sua força armada e o recrutamento e treinamento de voluntários que estejam comprometidos com a causa a ponto de pegar em armas para defendê-la (GALULA, 1964).

Após este longo tempo de organização e preparo, os insurgentes podem encontrar o momento propício para o início de suas ações violentas. Neste começo eles normalmente se utilizam da tática de guerrilha<sup>9</sup>. Se neste momento o contrainsurgente não estiver preparado ele pode rapidamente desmoronar e ser derrotado, como foi no caso da Tunísia<sup>10</sup>. Do contrário, ou o movimento insurgente será debelado ou se tornará uma guerra civil, como ocorreu na Líbia, na Síria e no Iêmen, por ocasião da Primavera Árabe.

Observamos que o apoio populacional é fundamental no início do movimento insurgente para torná-lo forte, mas à medida que o rebelde consegue diminuir a assimetria inicial das forças e inicia o confronto, a causa defendida que influenciou a população perde

---

<sup>9</sup> A tática de guerrilha tem como características “trata-se da irregularidade das tropas em combate, da sua singular mobilidade, da intensidade dos seus envolvimento ideológicos, do caráter terrestre de sua ações” (BONANATE, 1998, p. 87-88),

<sup>10</sup> Como veremos no próximo capítulo, o ditador Zine El Abidine Ben Ali (1923-2019) foi deposto em menos de um mês do início da Primavera Árabe (SEITENFUS, 2013).

um pouco de sua importância. A guerra passa a ser um fim em si mesmo e o que manterá a população do seu lado é a possibilidade do insurgente vencer a guerra contra o Estado.

Este é um dos motivos da guerra de insurgência ser uma guerra prolongada. O rebelde tem que ter a certeza de que está belicamente forte o suficiente para iniciar o conflito, suportar a reação do contrainsurgente e poder manter-se na guerra contra o Estado.

Após a exposição destas características do movimento insurgente, fica evidenciado o *modus operandi* dos rebeldes e poderemos utilizar no nosso estudo, extraindo as semelhanças ou diferenças em relação aos conflitos que serão analisados.

Com este pano de fundo, passaremos a estudar os pré-requisitos para o sucesso da insurgência, de acordo com a teoria proposta por David Galula.

### **2.3 Os pré-requisitos do movimento insurgente**

Observando a fragilidade do início do movimento insurgente e o desafio ao qual ele se propõe que é superar as forças do Estado e derrubar o governante vigente, entendemos que este movimento deve ser muito bem planejado pelas lideranças rebeldes para haver sucesso. O autor da teoria em lide vai além, estabelecendo pré-requisitos que devem existir para que a insurgência possa se desenvolver, fortalecer e alcançar o seu objetivo.

Segundo David Galula (1964), estas condições necessárias são a existência de uma causa, a exploração ou promoção de uma debilidade do contrainsurgente e a existência de condições geográficas favoráveis no Estado alvo. Ele ainda cita em sua obra a possibilidade da existência de apoio externo no curso dos combates, mas não considera esta como indispensável e sim um auxílio que pode vir a ganhar peso ao longo do confronto.

No nosso estudo nos aprofundaremos na debilidade do contrainsurgente, na existência de condições geográficas favoráveis e no apoio externo.



### 2.3.1 A debilidade do contrainsurgente

.Neste pré-requisito é postulado que a insurgência só pode prosperar se no Estado existirem problemas significativos não resolvidos (GALULA, 1964). Logicamente um país sem maiores problemas estaria imune ao movimento rebelde.

Em contrapartida, um Estado que apresente motivos para gerar uma causa para o insurgente estará mais suscetível a ocorrência do movimento rebelde, principalmente se os líderes da insurgência identificarem alguma debilidade do governo que possa ser explorada, como por exemplo, o nível de controle do Estado sobre a sua população (GALULA, 1964).

Uma insurgência não conseguirá se desenvolver em um Estado que atua por meio de um sistema do terror, mantendo a população acuada. Este tipo de práticas onde o governo não tem limite contra os seus possíveis inimigos internos leva a chamada suspeição mútua na qual a própria população se fiscaliza, pois caso alguém saiba de uma atitude suspeita de outro indivíduo e não denunciá-lo ao governo, essa pessoa poderá ser punida da mesma forma que o transgressor. O medo do regime opressor faz com que as pessoas atuem de modo que o governo deseja (GALULA, 1964).

Assim podemos concluir que sistemas políticos como o comunismo ou uma ditadura muito severa, que exerça um elevado controle sobre a sua população, torna o surgimento das lideranças da insurgência muito improvável, pois eles teriam que se articular totalmente em segredo e fatalmente não conseguiriam se desenvolver sem poder disseminar sua ideologia e recrutar colaboradores para o movimento.

Por outro lado, um Estado que não tem uma estrutura política que propicie o controle da população é um terreno fértil para o insurgente. Ele conseguirá articular-se e cooptar os recursos humanos para apoiar o movimento. Essa situação anárquica pode ocorrer em democracias muito liberais ou até mesmo em uma ditadura unipartidária que está há muito

tempo no poder. Neste último caso, pela sua longevidade no governo e sem oposição de opiniões, o ditador pode negligenciar os problemas internos, criando uma ideia de estabilidade que não corresponde à realidade. Estes problemas começam a crescer e nesse ponto o rebelde aproveita para criar a sua causa e dar início ao movimento insurgente (GALULA, 1964).

Outro ponto identificado pelo autor no sistema de controle da população é a polícia. Ela exerce diretamente a manutenção da ordem interna no Estado. A polícia é responsável por encerrar ainda nos estágios iniciais qualquer movimento de rebeldia identificada, atuando como o primeiro braço do contrainsurgente (GALULA, 1964).

Para exercer corretamente a sua função, a polícia necessita ser em quantidade suficiente, ter o treinamento adequado, ter apoio da população e ser leal ao governo. Um policial que seja desleal, corrupto ou que se identifique com a causa do insurgente pode atuar como um elemento subversivo dentro de uma estrutura fundamental para a manutenção do governo, comprometendo a credibilidade da força policial. As lideranças do movimento insurgente, sabendo identificar esses elementos, podem usá-los em uma tentativa de desestruturar esse recurso do contrainsurgente (GALULA, 1964).

O último elemento dessa máquina de controle da população são as forças armadas do Estado. A efetividade deste recurso contrainsurgente depende de alguns fatores como a relação do seu tamanho e a população. Em uma guerra contra a insurgência o efetivo das forças armadas tem que ser entre dez ou vinte para cada rebelde se o conflito se tornar uma guerrilha, pois neste combate o insurgente tem a capacidade de se difundir na população, gerando essa desproporcionalidade dos efetivos (GALULA, 1964).

Outro fator que influencia o desempenho do contrainsurgente é a composição das forças armadas. Segundo David Galula (1964), a sua teoria defende que a guerra de insurgência é combatida essencialmente pela infantaria, pouco adiantando uma força muito avançada tecnologicamente se não tiver uma infantaria capaz de se opor ao insurgente. O

combate para o rebelde é essencialmente terrestre, tendo pouca ou nenhuma capacidade de atuar em combate aéreo ou naval.

Por último, a lealdade do soldado mais uma vez é uma questão fundamental. No caso das forças armadas esse quesito é ainda mais sensível, pois devido a sua necessidade de ter um elevado quantitativo para se opor ao insurgente, é natural que haja recrutamento para compor as suas fileiras. Contudo, por virem da população, não é incomum que os recrutas sejam partidários da causa do rebelde, gerando o problema da deslealdade, que em larga escala pode comprometer a efetividade das forças armadas (GALULA, 1964).

### **2.3.2 As condições geográficas**

As condições geográficas apresentadas no Estado são importantes para o sucesso de uma insurgência. Este pré-requisito será dividido, para efeito do nosso estudo, em localização, tamanho, população e suas fronteiras.

O contrainsurgente pode se favorecer da localização do Estado, se este possuir barreiras naturais que isolem os rebeldes como desertos ou montanhas intransponíveis, ou se os Estados vizinhos não forem favoráveis a rebelião, negando apoio ao movimento insurgente (GALULA, 1964).

O tamanho do Estado pode favorecer o insurgente, pois quanto maior ele for mais difícil se torna para o contrainsurgente controlá-lo, mesmo sendo um regime totalitário. Da mesma forma ocorre com o tamanho da sua população, quanto mais habitantes existir no Estado, mais difícil será o seu controle efetivo (GALULA, 1964).

Em adição a quantidade populacional, a densidade demográfica é outro fator que deve ser observado. Quanto mais dispersa for a população, melhor será para o insurgente, pois mais difícil será para o governo se fazer presente em todo o seu território. Entretanto, se sua

população for concentrada em poucas cidades grandes favorece o Estado. (GALULA, 1964).

O último fator desse pré-requisito se reveste de especial importância por ser muito explorado pelos insurgentes. As fronteiras internas e externas dos Estados são usualmente áreas de difícil controle e representam uma fraqueza para o contrainsurgente. As fronteiras internacionais são ainda mais importantes, pois se o Estado vizinho apoiar a rebelião ou simplesmente não se opor, o insurgente encontrará nele um refúgio, podendo se utilizar da tática do *hit and run*, já abordada anteriormente ou até mesmo se mobilizar no Estado vizinho para depois realizar as suas ações no seu objetivo (GALULA, 1964).

### **2.3.3 Apoio externo**

Embora o apoio externo seja citado como não fundamental pelo autor, este auxílio pode ganhar peso ao longo do conflito e poderá enriquecer o nosso estudo. Para realizar a análise desse fator será dividido em auxílio moral, político, financeiro e militar,

Iniciando pelo apoio moral, ele ocorre sem esforço do insurgente e sim pela própria causa que ele defende, ganhando apelo na opinião pública. Dependendo do peso desta manifestação, ela pode se coadunar com o apoio político e o Estado pode sofrer pressões ou até mesmo sanções, o que pode debilitar o contrainsurgente (GALULA, 1964).

O apoio financeiro é importante para o insurgente poder se desenvolver, bem como o apoio militar que pode ocorrer com o fornecimento de material e treinamento. Este apoio militar poderá ser decisivo na evolução das ações de guerrilha para a formação de um exército regular e no aumento da complexidade das ações da insurgência (GALULA, 1964).

## **2.4 Conclusões parciais**

Após esta exposição da teoria desenvolvida por David Galula, podemos realizar

uma síntese do que apresentamos, iniciando pelas características básicas de uma insurgência, que envolvem o desejo da retirada do governo vigente do poder, a fragilidade inicial do movimento rebelde e a necessidade do apoio populacional. Após isso, estudamos os pré-requisitos para o sucesso da insurgência, que passam pela exploração da debilidade do contrainsurgente, as características geográficas do Estado e a possibilidade do apoio externo.

Com este arcabouço teórico, poderemos iniciar o estudo dos nossos objetos, buscando evidenciar as características marcantes dos conflitos, possibilitando ao final verificarmos se os Estados selecionados para representar a Primavera Árabe guardam aderência com a teoria apresentada.

### **3 A PRIMAVERA ÁRABE E OS ESTUDOS DE CASO**

Como citado anteriormente, neste capítulo estudaremos a Primavera Árabe, posteriormente nos dedicaremos a detalhar o desenvolvimento dos conflitos ocorridos na Tunísia, Egito, Líbia, e Síria.

Os objetos selecionados possuem características diferentes, como os tamanhos dos Estados e de suas populações (APÊNDICE A). Além disso, observaremos que os Estados escolhidos apresentam resultados diferentes nas insurgências ocorridas e isso nos fornecerá uma ampla gama de fatos que nos proporcionará a busca pela aderência na teoria estudada. Este capítulo estará dividido em duas seções contendo uma contextualização histórica e uma análise das insurgências ocorridas nos Estados supracitados, por ocasião da Primavera Árabe.

#### **3.1 Contextualização histórica**

Para iniciar a nossa análise, entendemos ser de grande valia uma contextualização histórica de como a região do Oriente Médio e o Norte da África chegaram ao ano de 2010 com uma rebelião latente em seus Estados, a ponto de atingir praticamente todos da região.

##### **3.1.1 O domínio pelo Império Otomano**

Ao longo dos séculos, os povos árabes foram subjugados por diversos Impérios, sendo na sua história recente pelo Império Otomano<sup>11</sup>, posteriormente foram colonizados por Estados europeus, até conseguirem a sua independência no século XX. Os árabes ficaram quase quatro séculos sob o controle do Império Otomano, onde foram oprimidos e se mantiveram subdesenvolvidos (ROGAN, 2017).

---

<sup>11</sup> O Império Otomano iniciou a colonização dos povos árabes pela atual Síria, em 1516 (FERNANDES, 2012)

Após este longo período, os Estados árabes não tinham fronteiras bem definidas, pois eram todos do Império Otomano, abrigando uma miscelânea de povos. Apesar disso, o povo árabe já desenvolvia um forte sentimento nacionalista e o desejo pela liberdade. Contudo o Império era implacável contra qualquer tipo de manifestação para a emancipação dos povos (ROGAN, 2017).

No final do século XIX deu-se início ao neo-imperialismo de potências europeias que buscavam matérias primas e novos mercados como consequência da Revolução Industrial. Este movimento naturalmente se voltou para África, pela proximidade e existência de vastos recursos naturais, apesar da presença do Império Otomano (ROGAN, 2017).

Os Estados no Norte da África estavam cada vez mais esquecidos e menos controlados por Istambul, principalmente por estarem geograficamente afastados do centro de gravidade do Império. As potências europeias aproveitaram esta fragilidade e rapidamente conquistaram alguns Estados, como a Tunísia pela França em 1881, o Egito ocupado pela Grã-Bretanha em 1882 e posteriormente a Líbia pela Itália em 1911 (ROGAN, 2017).

Apesar destas perdas territoriais do Império Otomano, eles continuavam dominando a maior parte do mundo árabe e precisaria de um acontecimento muito maior para que ele perdesse o controle total. E este evento aconteceu com o início da Primeira Guerra Mundial<sup>12</sup> (IGM) (ROGAN, 2017).

### **3.1.2 A IGM e o fim do Império Otomano**

O Império Otomano entrou nesta guerra desgastado por problemas internos, como

---

<sup>12</sup> A IGM aconteceu de 1914 a 1918, onde o Império Otomano se aliou à Alemanha, Itália e Áustria-Hungria, sendo derrotada pela Tríplice Entente composta pela França, Grã-Bretanha e Rússia (MAGNOLI, 2006).

a revolução dos Jovens Turcos<sup>13</sup> e externos como o conflito ocorrido com a Itália em 1911 pela disputa da Líbia, além dos confrontos contra os Estados dos Bálcãs em 1912 e 1913 (ROGAN, 2017).

.Os Estados árabes observaram atentamente o desenrolar da IGM na expectativa do esfacelamento do Império Otomano para terem a oportunidade de conseguir a sua independência. Contudo, ainda durante a IGM a Grã-Bretanha e a França já discutiam como seria a divisão das terras que compunham o combalido Império turco (ROGAN, 2017).

A primeira tentativa de divisão ficou conhecida como o acordo secreto sykes-picot<sup>14</sup>, mas após o seu vazamento ele não foi levado adiante, evitando uma revolta árabe contra os Aliados durante a guerra (MAGNOLI, 2006).

Entretanto, o fracasso do acordo não diminuiu o desejo anglo-francês de controlar as terras do Oriente Médio. Desta vez, eles decidiram que o fariam por meio das conferências de acordo em Paris após o término da IGM (ROGAN, 2017).

### **3.1.3 A colonização anglo-francesa**

Depois de uma série de encontros no pós IGM para firmar o acordo de paz e garantir a estabilidade mundial, os Estados vitoriosos passaram a tratar do novo desenho de fronteiras para a divisão do Oriente Médio, como uma forma de recompensar o seu esforço de guerra (ROGAN, 2017).

Após diversos movimentos diplomáticos de lideranças árabes com a intenção de unir o seu povo em uma grande Estado independente, incluindo uma tentativa de

---

<sup>13</sup> Esta revolução ocorreu em 1908 e foi composta por nacionalistas turcos que exigiam a restauração da constituição de 1876 e restaurar o Parlamento (ROGAN, 2017).

<sup>14</sup> O acordo sykes-picot foi realizado em 1916 entre diplomatas britânicos e franceses com a intenção de dividir as terras árabes otomanas em zonas as quais seriam controladas por estes Estados (ROGAN, 2017).



independência da Síria, foi oficializado no tratado de San Remo em 1920, que a Grande Síria seria dividida nos Estados do Líbano, o qual já existia, a Síria, a Transjordânia e a Palestina. Além disso, foi criado o sistema de mandatos, onde a Grã-Bretanha ficaria com a Mesopotâmia, a Palestina e a Transjordânia<sup>15</sup>. A França controlaria o Líbano e a Síria, a qual teve sua independência frustrada ainda em 1920 por tropas francesas (MAGNOLI, 2006).

Este sistema de mandatos estabelecido previa que as potências européias iriam “[...] preparar esses povos para se organizarem como países e, num futuro não definido, viverem como Estados independentes” (MAGNOLI, 2006, p. 428). Podemos supor que estes novos Estados criados estariam como colônias até os dias atuais se não mantivesse vivo o antigo sonho da independência e se não lutassem por ela.

### **3.1.4 A independência dos Estados árabes**

O primeiro Estado colono Árabe dos nossos objetos de estudo a conseguir sua independência foi a Síria, que era controlada pela França. Após uma tentativa de revolução ainda na década de 20<sup>16</sup> e depois de os franceses, em 1943, prender o presidente libanês Bechara AL-Kuri (1890-1964) por defender uma maior autonomia dos Estados da Síria e do Líbano, em 1946 a Organização das Nações Unidas<sup>17</sup> (ONU) reconheceu a sua independência (FERNANDES, 2012).

Em 1963 a Síria sofreu um golpe militar no seu governo, assumindo o controle o

---

<sup>15</sup> Os Estados da Mesopotâmia e a Transjordânia correspondem aos atuais Iraque e Jordânia, respectivamente (MAGNOLI, 2006).

<sup>16</sup> Esta revolução ocorreu entre 1925 e 1927, ficando conhecida como a Grande Revolução Síria. Ela ocorreu devido a ocupação francesa, mas fracassou após a morte de mais de 6 mil sírios pelo Estado francês (MULLEN; ONION; SULLIVAN. 2021).

<sup>17</sup> A ONU foi criada em 1945 e é uma organização com 193 Estados membros com o propósito de promover a cooperação internacional (UN, 2021)

Partido Socialista Árabe Baath. Em 1967, a Síria perdeu as colinas de Golan<sup>18</sup> para Israel, durante a guerra dos Seis Dias (MULLEN; ONION; SULLIVAN. 2021).

Após um novo golpe militar, em 1970, o então ministro da defesa Hafez al-Assad (1930-2000) tomou o poder. Para se manter à frente do governo ele usou uma política implacável contra possíveis insurgentes. Em 1982 ele debelou uma rebelião contra o seu governo, e estimativas contam cerca de vinte mil mortos nesse episódio (MULLEN; ONION; SULLIVAN. 2021).

Hafez al-Assad governou até a sua morte no ano 2000, ocasião que seu filho, Bashar al-Assad (1965- ), assumiu o poder e permanece até hoje, em meio a uma severa guerra civil que já dura mais de 10 anos, iniciada devido a Primavera Árabe (MULLEN; ONION; SULLIVAN. 2021).

Seguindo a ordem cronológica das independências das colônias árabes, após a Síria seguiu-se o Egito, que era controlada pelo Império Britânico. O Egito iniciou sua tentativa de independência em 1922 quando se rebelou contra a Grã-Bretanha. Este movimento foi rapidamente repellido pelo Império, o qual ainda aumentou a sua presença no Estado egípcio para evitar novas investidas (ROGAN, 2017).

Mas este acréscimo de fileiras não foi suficiente e a desordem civil continuou. Após negociações, a Grã-Bretanha declarou a independência do Egito, com algumas concessões, para atender seus interesses estratégicos. Estas ressalvas previam que o controle do canal de Suez permaneceria com o Império britânico, um tratado de proteção ao Estado egípcio por agressão externa entre outros pormenores. O Egito não conseguiu sua liberdade plena, mas foi um importante passo para a sua verdadeira independência (ROGAN, 2017).

Em 1952 houve um golpe militar para derrubar a monarquia egípcia e dissolver o

---

<sup>18</sup> As colinas de Golan localizam-se a sudoeste da Síria e encontram-se ocupadas até hoje pelo estado israelense (MULLEN; ONION; SULLIVAN. 2021).

parlamento. A república foi declarada em 1953 e o presidente Gamal Abdel Nasser (1918-1970) assumiu apenas em 1954, após forçar a saída do presidente o General Muhammad Naguib<sup>19</sup> (FERNANDES, 2012).

Em 1956 o presidente Nasser declarou sua total independência do Reino Unido, pondo fim às antigas concessões britânicas. Em 1970 o presidente Nasser sofre um ataque cardíaco e morre. Ele era um líder respeitado pelo povo egípcio e representava a liderança dos Estados árabes contra o Estado de Israel<sup>20</sup>, com o qual enfrentou diversos conflitos. (FERNANDES, 2012).

Assume o governo o Anwar al Sadat (1918-1981). Após longos anos de conflito contra Israel, em 1979 ambos Estados firmaram um acordo de paz, causando enorme revolta no Egito culminando na expulsão do Estado da Liga Árabe e no assassinato de Sadat por um soldado fundamentalista islâmico que considerava uma traição ao povo declarar paz com o seu inimigo. Deste evento assume Hosni Mubarak (1928-2020), que governou até a Primavera Árabe (FERNANDES, 2012).

Seguindo o movimento das independências, a Líbia<sup>21</sup> conseguiu sua independência em 1952 por meio da ONU. Em 1959 são descobertos os poços de petróleo, os quais são as maiores reservas do continente africano. A exploração iniciou em 1961 e posicionou a Líbia no cenário geopolítico mundial (FERNANDES, 2012).

Em 1969 ocorreu um golpe militar que derrubou a monarquia líbia. Este

---

<sup>19</sup> O presidente Muhammad Naguib (1901-1984) assumiu a presidência logo após o golpe que derrubou a monarquia, contudo quem articulou o movimento foi o presidente Nasser. Após a renúncia do general Naguib, ele ficou em prisão domiciliar por 18 anos (FERNANDES, 2012).

<sup>20</sup> O Estado de Israel, criado em 1948, fica situado na região da Palestina, território árabe por séculos e que abriga áreas sagradas para os muçulmanos. Por esta desavença, diversos conflitos entre Estados árabes e Israel ocorreram desde sua criação, tais como a guerra dos 6 dias e a guerra do Yom Kippur (BLAINEY, 2005)

<sup>21</sup> Após a segunda guerra mundial ela passou a ser administrada pela Grã Bretanha e França com forte presença militar (FERNANDES, 2012).

movimento criou a República Popular e Socialista da Líbia e foi presidido desde 1970 por Muammar Al-kadafi <sup>22</sup>(1942-2011), que permaneceu no poder até 2011, quando foi derrubado do poder pelo movimento da Primavera Árabe (FERNANDES, 2012).

Por último, a Tunísia conseguiu a sua independência em 1956, sendo proclamada a República em 1957. O presidente eleito em 1959 é Habib Bouguiba (1903-2000) que faz alterações na constituição tunisiana para tornar-se presidente vitalício e acabar com a oposição política, tornando o Estado unipartidário (FERNANDES, 2012).

Nos anos 80 ocorrem diversas manifestações contrárias ao governo de Bouguiba, até que em 1987 ele é deposto e assume o governo o então primeiro-ministro Zine El Abidine Ben Ali (1936-2019) que autoriza a liberdade partidária e revoga a presidência vitalícia. Contudo, mesmo com essas medidas, Ben Ali permaneceu na presidência até 2011, quando renunciou em decorrência da Primavera Árabe (FERNANDES, 2012).

### **3.1.5 O surgimento da causa insurgente**

Após esta contextualização histórica podemos observar que os quase 400 anos de dominação Otomana e a colonização anglo-francesa não foram suficientes para apagar o sentimento nacionalista e o pertencimento a sua cultura e religião pelos árabes, mesmo com as suas diversas diferenças.

As várias tentativas de revoluções populares buscando a independência dos Estados demonstram o desejo pela liberdade. Mesmo com toda opressão vivida por séculos, os povos árabes não deixaram de ser sequiosos pela sua independência. Depois de a conseguirem, tiveram que aceitar os regimes ditatoriais impostos por golpes, perdendo mais

---

<sup>22</sup> O nome do ditador líbio tem diversas grafias, variando de acordo com a tradução, como Kadafi, khadafi, Al-Gaddafi, entre outros. Será considerada para este trabalho a grafia “Kadafi”.

uma vez a sua expectativa de liberdade.

Com um olhar mais cuidadoso sobre os antecedentes históricos dos povos árabes, marcada pela sua incessante luta pela liberdade, podemos especular que eles não aceitariam mais essa opressão sem articularem um movimento que pudesse derrubar os regimes autoritários impostos.

Corroborando com a situação exposta, um estudo realizado pelo Banco Mundial<sup>23</sup> nos anos 2000 concluiu que a população da Tunísia, Egito, Líbia e Síria estavam entre as menos felizes do mundo e isto não estava associado ao nível de renda e sim com “baixos padrões de vida, corrupção generalizada e a falta de justiça” (ABRAMS, 2017, p. 96).

Segundo a historiadora especialista em Oriente Médio e professora Dra. em história árabe na Universidade de São Paulo, Arlene Clemesha (1972- ), as causas da Primavera Árabe são convergentes entre os Estados, conforme a citação a seguir:

O processo teve detonadores comuns: insatisfação popular com regimes autoritários, falta de condições e perspectivas de vida, anseios por liberdade de expressão e métodos democráticos, não só eleições, mas espaços de discussão, pluralidade de representação e de pensamento (GIOVANAZ, 2021)<sup>24</sup>

De acordo com o exposto pela Dra. Clemesha, as causas são comuns aos movimentos insurgentes ocorridos nos Estados da nossa análise, pois compartilham situações similares, mesmo havendo eventuais diferenças entre si, mas pautados nas mesmas causas.

Por último, cabe ressaltar o momento temporal em que ocorreu a insurgência nos Estados analisados. O início do movimento foi em dezembro de 2010, quando o Oriente Médio e a África do Norte estavam passando por uma grave crise financeira, sendo esta decorrente da crise econômica global iniciada nos Estados Unidos da América (EUA), a qual

---

<sup>23</sup> Estudo disponível em <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/303441467992017147/inequality-uprisings-and-conflict-in-the-arab-world>, acesso em 10 de julho de 2021.

<sup>24</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/24/da-euforia-a-realidade-os-descaminhos-da-primavera-arabe-dez-anos-depois>

ficou conhecida como a “crise dos *subprimes*”<sup>25</sup>, o que agravou a situação dos Estados analisados no nosso estudo (LUZ, 2017).

Fruto desta dificuldade econômica, a situação ficou ainda pior com o aumento do preço dos alimentos e elevada taxa de desemprego, onde nos países mais atingidos chegava a 40% entre os mais jovens (OLIVEIRA, 2015)

Com este detalhamento histórico e a definição da causa dos insurgentes, entendemos que estamos com o conhecimento necessário dos fatos que levaram a insurgência. Desta forma, podemos prosseguir com o estudo, passando a analisar como se desenvolveram as insurgências em cada Estado do nosso objeto,

### **3.2 As insurgências na Primavera Árabe**

Apresentaremos neste tópico a evolução dos movimentos insurgentes na Tunísia, Egito, Líbia e Síria, com o intuito de apontar as nuances dos conflitos para no próximo capítulo verificarmos se a teoria de David Galula teve aderência com a Primavera Árabe.

#### **3.2.1 Tunísia**

O governante da Tunísia era o Zine El Abidine Ben Ali em 2010. Ele estava no poder há 23 anos e poderia se reeleger indefinidamente, após as reformas na legislação que promoveu. O Estado tem eleições presidenciais de cinco em cinco anos, mas raramente existia concorrentes, pois havia o receio das possíveis represálias do governo vigente e a apuração dos votos sempre resultava em vitória esmagadora de Ben Ali, independente da insatisfação

---

<sup>25</sup> Esta crise econômica foi iniciada nos EUA em 2007. Ela foi gerada devido à possibilidade de um colapso dos empréstimos hipotecários. Esta situação levou a falência do renomado banco Lehman Brothers, afetando diretamente a bolsa de valores estadunidense e espalhando os seus efeitos econômicos para o restante do globo (BORÇA JUNIOR; TORRES FILHO, 2008).

popular (BRANCOLI, 2013).

A Tunísia vivia uma grave crise interna em 2010. O desemprego era alarmante e desde 2008 o governo lidava com uma série de protestos na região de Gafsa<sup>26</sup> motivados justamente pela falta de empregos (FERNANDES, 2012).

Esta instabilidade permaneceu até o seu ponto de inflexão em 17 de dezembro de 2010 quando Mohamed Bouazizi (1984-2011), um desconhecido vendedor de legumes e frutas, que trabalhava com sua carroça em um conhecido mercado central na pequena cidade de Sidi Bouzid, no interior da Tunísia, teve seus produtos confiscados pela polícia, por sete vezes em apenas duas semanas (BRANCOLI, 2013).

Para reaver seu material, voltar a trabalhar e poder alimentar seus irmãos, era necessário oferecer propina para a polícia. Ele foi à prefeitura por três vezes sem conseguir resolver o seu problema, sendo na última tentativa espancado pela polícia e agredido no rosto por uma agente (BRANCOLI, 2013).

Após a humilhação em público, por ser golpeado por uma mulher, que é algo inaceitável para um muçulmano, em um ato de desespero, Bouazizi ateou fogo no seu próprio corpo. Esta imagem circulou pelo mundo por meio da internet e suas redes sociais, que já eram populares, impulsionando a propagação desta cena ocorrida no dia 17 de dezembro (BRANCOLI, 2013).

Este acontecimento ganhou uma enorme repercussão midiática e no dia seguinte a população foi às ruas e iniciou grandes protestos pacíficos (BRANCOLI, 2013). Podemos supor que a imolação de um desconhecido vendedor de legumes era o gatilho que os rebeldes precisavam para dar início à insurgência.

---

<sup>26</sup> Gafsa fica situada no centro-oeste da Tunísia e é reconhecida pela sua jazida de fosfato (AUGUSTYN *et al*, 2014)

Rapidamente, a grande manifestação que defendia basicamente as causas da insurgência apresentadas anteriormente, passou a exigir a saída do ditador do poder. A primeira reação do governo foi prometer abrir vagas de emprego, pouco se utilizando das forças contrainsurgentes, as quais se limitavam a confrontos pontuais entre a polícia e os rebeldes (BRANCOLI, 2013).

Ben Ali chegou a prometer que não concorreria ao próximo pleito eleitoral, contudo, em um confronto entre rebeldes e a polícia, mais de vinte manifestantes morreram, o que inflamou ainda mais o apoio populacional aos insurgentes (BRANCOLI, 2013).

Os confrontos entre a população e os contrainsurgentes se tornaram cada dia mais frequentes e com maior intensidade. Entretanto, em 10 de janeiro de 2011, as forças governamentais realizaram uma reunião para discutir a continuidade no apoio ao governo. Após este encontro, o comandante geral do exército declarou que não enfrentaria mais a população. O ditador perdeu a autoridade sobre os contrainsurgentes, inclusive sobre a sua guarda presidencial (BRANCOLI, 2013).

Posteriormente ao posicionamento do exército, o nível de violência nas ruas aumentou. Ben Ali estava sem condições de governar e no dia 14 de janeiro de 2011 fugiu para Arábia Saudita para resguardar a sua segurança e a de sua família (SIMÕES, 2021).

Este capítulo da Primavera Árabe, que ficou conhecido como a Revolução de Jasmim, foi uma vitória dos rebeldes e foi fundamental para a propagação dos movimentos insurgentes nos Estados árabes, pois demonstrou aos demais que um movimento com apoio popular poderia de fato derrubar o governo vigente (BRANCOLI, 2013).

### **3.2.2 Egito**

Na ocasião da Primavera Árabe o governante do Egito era Hosni Mubarak e



estava no poder há 29 anos. Ele controlava a política com mão de ferro e praticamente impedia a existência da oposição, utilizando-se da violência se necessário fosse para coibir a influência política contrária ao seu governo. De forma semelhante à Tunísia, ele também realizou reformas na legislação que praticamente o perpetuava no poder, principalmente com eleições com suspeitas na legitimidade da apuração dos votos (BRANCOLI, 2013).

Entre os anos 2000 e 2007 o Egito estava com uma economia pujante, registrando um crescimento médio de 5 % ao ano e em 2010 já apresentava sinais de recuperação da crise das *subprimes*. Ao longo do seu governo, Mubarak realizou diversas vendas de empresas estatais, sendo muitas com valor consideravelmente abaixo do mercado e foram compradas por empresários ligados ao regime, o que levantou hipóteses sobre fraudes nestas operações (BRANCOLI, 2013).

Apesar deste crescimento econômico, a população pouco sentiu alguma melhoria nas suas condições de vida, onde o desemprego girava em torno de 25% para os mais jovens graduados e os egípcios que trabalhavam recebiam salários ínfimos (SIMÕES, 2021). Este desenvolvimento do início do século XXI aumentou a desigualdade social, onde mais de 20% da população encontrava-se abaixo da linha da pobreza<sup>27</sup> (BRANCOLI, 2013).

Desta forma, a causa insurgente recebia eco na população egípcia, que é a maior dos Estados árabes, com mais de 90 milhões de habitantes (SIMÕES, 2021). As mazelas sociais vividas pelo povo, a sensação da corrupção e o governo ditatorial eram os ingredientes para a insurreição que aguardava apenas uma centelha para se iniciar (KILSON, 2016)

O governo de Cairo já lidava com manifestações e protestos há pelo menos dez anos. Eram movimentos de menor escala que acusavam o Estado de falta de

---

<sup>27</sup> A linha de pobreza é definida pelo Banco Mundial e em 2011 representava quem recebia menos de US 3,2 por dia (THE WORLD BANK, 2021)

comprometimento pela causa dos povos árabes<sup>28</sup>, mas sempre foram dissipados com o uso da violência. O estopim para o levante da insurgência foi a divulgação da renúncia de Ben Ali na Tunísia em tempo real pela mídia televisiva e redes sociais na internet (BRANCOLI, 2013).

Onze dias após a queda do ditador tunisiano iniciaram-se os protestos no Egito, os quais foram organizados pela internet (FERNANDES, 2012). Os rebeldes inicialmente utilizaram uma tática para dispersar as forças contrainsurgente, marcando diversos pontos de concentração para os protestos, mas a polícia local conseguiu conter a maioria das manifestações (BRANCOLI, 2013).

Contudo, este passo inicial foi suficiente para chamar a atenção da população, conseguindo angariar novos adeptos à causa insurgente, que tinha como objetivo final a deposição do ditador egípcio (BRANCOLI, 2013). A partir do dia 28 de janeiro de 2011, uma sexta-feira, que é o principal dia da semana para o islã, os protestos passaram a acontecer na Praça Tahrir, no centro da capital egípcia (FERNANDES, 2012).

O governo de Mubarak decidiu cessar o sinal da internet no Egito, como uma forma de evitar a coordenação dos insurgentes. Esta tentativa do Estado não foi efetiva, pois o movimento já havia iniciado com milhares de pessoas e a cada dia mais adeptos se juntavam, ainda que com baixa intensidade de violência até aquele momento (FERNANDES, 2012).

Outra medida para tentar conter o movimento insurgente foi a determinação de um toque de recolher no dia 30 de janeiro. A ordem foi ignorada pelo povo e a repressão policial foi violenta com diversos confrontos entre os rebeldes e as forças contrainsurgentes. Os insurgentes se valeram do coquetel Molotov e incendiaram edifícios, tudo com o intuito de gerar o caos. Há registros inclusive que insurgentes egípcios se comunicaram com rebeldes tunisianos para replicar as táticas bem sucedidas no Egito (BRANCOLI, 2013).

---

<sup>28</sup> O governo de Mubarak era considerado próximo de Israel e não se posicionava em relação à questão da Palestina (BRANCOLI, 2013).

No dia seguinte aos violentos confrontos, as forças contrainsurgentes se retiraram e os manifestantes ocuparam a Praça Tahrir. Após esta escalada na violência, Mubarak estava perdendo a sua autoridade e a capacidade de governar, e então decide enviar o exército para refutar a insurgência (BRANCOLI, 2013).

Ao chegarem à Praça Tahrir, os militares foram bem recebidos pelos manifestantes sendo ovacionados. O Exército era visto pela população como seu protetor e dessa forma os militares anunciaram que não iriam confrontar o povo. O ditador perde o seu braço mais importante para a contrainsurgência (BRANCOLI, 2013).

Mubarak estava isolado, sem apoio no governo e dos militares. A população iniciou uma greve geral em primeiro de fevereiro e não era mais confrontada. Sem alternativas, em 11 de fevereiro, ele decidiu renunciar e passar o governo aos militares. Em seguida, ele se retira do Egito para um balneário no Mar Vermelho (FERNANDES, 2012).

A insurgência no Egito ficou conhecida com a Revolução do Nilo ou Revolução de Lótus e foi mais uma vitória dos rebeldes, apesar do nível elevado da violência deixando centenas de mortos nos diversos confrontos (SIMÕES, 2021). Podemos observar como uma causa bem construída envolve a população e a mantém firme no movimento insurgente, proporcionando o alcance do objetivo.

Esse capítulo da Primavera Árabe se destaca dos demais, pois o Egito é um importante Estado do Norte da África e Oriente Médio, sendo protagonista geopoliticamente na sua região e para o globo devido ao canal de Suez, o que deu mais relevância ao movimento, chamando atenção do mundo e encorajando os outros Estados árabes.

### **3.2.3 Líbia**

A Líbia era governada há 42 anos pelo general Muammar al-Kadafi quando a

insurreição se iniciou em fevereiro de 2011. Não muito diferente dos Estados vizinhos, ele se mantinha no poder por meio de uma pesada repressão sobre o povo líbio. A dissidência política era considerada crime, passível de sentença de morte. A inexistência de partidos políticos possibilitava a concentração de poder no ditador, que acumulava uma fortuna sob suspeita de corrupção (FERNANDES, 2012).

A Líbia foi formada por diversos povos e tribos e tem realidades distintas entre o leste e o oeste. A capital Trípoli fica a oeste e tinha sinais de desenvolvimento, inclusive com um elevado índice de desenvolvimento humano<sup>29</sup> (IDH), superior ao da Arábia Saudita, por exemplo. Em contraste a capital, o leste era consideravelmente abandonado pelo governo, apesar dos vastos poços de petróleo e gás natural na região (FERNANDES, 2012).

A maior cidade do leste é Benghazi, onde a situação era precária. O desemprego era acima de 20% e um terço da população vivia abaixo da linha da pobreza (FERNANDES, 2012). Foi nesta região que a insurgência encontrou o campo fértil para iniciar as suas ações aproveitando a repercussão da Primavera Árabe nos seus Estados vizinhos.

O início dos protestos foi em 15 de fevereiro de 2011, realizado em Benghazi. As forças contrainsurgentes agiram rapidamente e a repressão foi brutal, com registro de morte de mais de dez manifestantes, espancamento e muitos feridos no confronto com as forças policiais (ROGAN, 2017).

Apesar da repressão, o movimento insurgente ganhou mais vulto com a população revoltada, se espalhando para outras cidades vizinhas. Em 17 de fevereiro os protestos ficaram mais violentos atingindo praticamente todo o território, incendiando prédios e atacando delegacias. Mais uma vez as forças contrainsurgentes foram implacáveis, matando mais 80

---

<sup>29</sup> O IDH é um índice criado para comparar o nível de desenvolvimento dos Estados, comparando riqueza, alfabetização, entre outros fatores. A Líbia em 2010 era a 51ª, estando a frente do Brasil que era o 84º (SOUZA, 2008).

manifestantes (ROGAN, 2017).

Em 27 de fevereiro a situação saiu do controle do governo. As forças de segurança na parte leste do Estado desertaram e passaram a apoiar o movimento insurgente, juntamente com muitos civis voluntários para participar do combate. Os opositores de Kadafi estabeleceram em Benghazi uma base de operações e criaram o Conselho Nacional de Transição (CNT) para coordenar as ações e derrubar o regime vigente. A partir deste momento, a escalada de violência dividiu o Estado onde havia duas forças armadas se opondo, dando início a primeira guerra civil da Primavera Árabe (ROGAN, 2017).

Nas semanas seguintes as forças militares da insurgência conseguiram avançar no território e ocupar algumas cidades. Contudo, forças leais a Kadafi fizeram a contra ofensiva se utilizando de todo aparato militar que dispunham como aeronaves de asa fixa e tanques. Desta forma, conseguiram controlar a maior parte do território novamente e se aproximaram de Benghazi (BRANCOLI, 2013).

O ditador líbio estava certo de que conseguiria acabar com a insurgência e fez um longo discurso na mídia estatal afirmando que iria correr um rio de sangue em Benghazi e esmagaria a todos como insetos. O tom do discurso repercutiu muito negativamente e somado aos massacres que estavam ocorrendo com bombardeios indiscriminados nas cidades ocupadas, o Conselho de Segurança da ONU aprovou a resolução 1973 visando proteger a população civil na área do conflito (BRANCOLI, 2013).

Esta resolução, assinada em 17 de março de 2011, estabelecia uma zona de exclusão aérea (ZEA) onde nenhuma aeronave poderia sobrevoar o Estado Líbio sem a autorização da ONU, reduzindo assim o poder combatente do governo de Kadafi (BRANCOLI, 2013). Entretanto, as ações desenvolvidas pela Organização do Tratado do

Atlântico Norte<sup>30</sup> (OTAN) não se limitaram ao cumprimento da ZEA e, no dia 18 de março, com o uso das aeronaves francesas e de submarinos estadunidenses, iniciaram um forte bombardeio sobre pontos estratégicos de Kadafi, bem como destruindo tanques e a pista do aeroporto líbio, de onde decolavam suas aeronaves (SIMÕES, 2021).

Estes ataques realizados pela OTAN favoreceram diretamente os rebeldes, que voltaram a conquistar posições e cidades. Apesar de a resolução ter se apoiado na defesa dos civis líbios, as operações continuaram até que os rebeldes tomaram a capital, em 23 de agosto de 2011, embora Kadafi tenha conseguido fugir (ROGAN, 2017).

O conflito continuou com os insurgentes conquistando outras cidades que ainda apoiavam o ditador, até que em 20 de outubro de 2011 Kadafi foi capturado, espancado e morto a tiros (SIMÕES, 2021). Após o conflito, o CNT teve reconhecimento internacional como governo provisório da Líbia, mas o vácuo de poder deixado com a queda do ditador fez com que houvesse uma disputa interna pelo poder, fazendo com que a guerra civil continuasse (ROGAN, 2017).

Recentemente, em outubro de 2020 foi assinado um cessar fogo permanente, o que pode enfim trazer a paz ao destruído Estado líbio (SIMÕES, 2021). Estima-se que a insurgência até a queda de Kadafi tenha deixado em torno de 15 mil mortos (ROGAN, 2017).

Neste caso, os insurgentes foram mais uma vez vitoriosos, mas com um ingrediente adicional que enriquecerá o nosso estudo. O apoio externo da OTAN foi fundamental para o avanço dos rebeldes até a tomada da capital e captura de Kadafi. Pela primeira vez na Primavera Árabe o ocidente também queria a queda do regime vigente, possivelmente pelos interesses econômicos no Estado líbio.

---

<sup>30</sup> A OTAN é uma aliança político-militar entre Estados Unidos, Canadá e Estados europeus. Tem como propósito a defesa coletiva dos Estados-membros (MARCUS, 2019)

### 3.2.4 Síria

Durante o ano de 2011, Bashar al-Assad completava o seu décimo primeiro ano na presidência da Síria. O governante herdou de seu pai o controle do Estado, apesar de não haver legitimidade na sucessão hereditária na Síria (BRANCOLI, 2013). Contudo, Assad foi pouco contestado na presidência, pois mantinha uma repressão violenta aos seus opositores, assim como seu pai (CRUZ, 2015).

A Síria moderna é um Estado árabe multirreligioso composto por uma maioria de 75% de muçulmanos sunitas e porções menores de alauítas, drusos e uma minoria cristã. Apesar dos alauítas representarem apenas uma parcela da população, a família Assad<sup>31</sup> tem essa descendência e de certa forma isso garantia uma fonte de estabilidade no seu governo, pois as minorias o apoiavam por ele representar uma segurança contra os sunitas, que os discriminavam (ROGAN, 2017).

O Estado sírio faz fronteira com Israel, Turquia, Líbano, Jordânia e Iraque. As suas longas fronteiras com estes Estados são uma fonte de instabilidade para o governo local, pois qualquer crise nos Estados vizinhos pode se alastrar para dentro da Síria, ou até mesmo tensões entre eles podem emergir, como no caso com Israel, embora esteja adormecida esta antiga inimizade<sup>32</sup> (BRANCOLI, 2013).

No início da Primavera Árabe, não se acreditava que Assad seria afetado pelo movimento. Desde a morte de seu pai, o ditador estava modernizando o governo em alguns aspectos como uma relativa liberdade política e de imprensa, além de suspender o estado de

---

<sup>31</sup> Além de Bashar al-Assad como presidente da Síria, o seu irmão Maher al-Assad é o comandante da Guarda Republicana, garantindo assim a lealdade do seu exército, e o seu cunhado Assef Shawkat era chefe da inteligência militar do Estado sírio (BRANCOLI, 2013).

<sup>32</sup> Juntamente com o Egito, a Síria participou de diversos conflitos com Israel em favor dos povos árabes palestinos (FERNANDES, 2012).

emergência<sup>33</sup> que vigorava desde 1963. Existia também uma liberdade financeira onde se buscava investimentos estrangeiros e incentivava a iniciativa privada, apesar de manter um robusto aparato estatal de forma a manter o controle econômico em suas mãos (BRANCOLI, 2013).

Desta forma, não se via ostensivamente protestos ou dissidentes contra o ditador que, era mais moderno do que os chefes dos Estados apresentados neste estudo, embora a maior parte da população não usufrísse das medidas citadas, pois favoreciam principalmente os grupos próximos ao governo. A parcela mais pobre do povo sofria com a inflação, que afetou principalmente os aluguéis e os alimentos básicos, e com a escassez de água potável (BRANCOLI, 2013).

Contudo, em março de 2011, a polícia prendeu 15 adolescentes por picharem palavras contra o ditador, exigindo a sua saída do governo, possivelmente por influência da Primavera Árabe. Este fato, que ocorreu na longínqua cidade de Deraa, próxima a fronteira com a Jordânia, causou revolta e manifestações pacíficas na população local. Entretanto, o governo de Assad não aceitaria qualquer sinal de rebeldia devido aos acontecimentos recentes no mundo árabe (ROGAN, 2017).

Desta forma, os contrainsurgentes abriram fogo indiscriminadamente sobre os protestantes matando dezenas. Estas reações das forças do governo fizeram alastrar a revolta nas cidades vizinhas, aumentando os protestos e as reações do Estado. No final de março eram mais de 200 mil manifestantes nas ruas (ROGAN, 2017).

No começo das manifestações os protestos eram pacíficos contra o ato abusivo do governo em relação aos adolescentes e exigindo mais empregos e água potável. Com o

---

<sup>33</sup> O estado de emergência sírio cerceava direitos civis, impondo restrições como a liberdade, o direito de reunião e de ir e vir, além de permitir a prisão de suspeitos que ameaçavam a segurança do Estado (G1, 2011).



crescimento das manifestações rapidamente mudaram a conotação dos eventos, passando a exigir a renúncia do ditador e começaram a praticar a violência, invadindo edifícios e destruindo locais públicos (BRANCOLI, 2013). Podemos perceber mais uma vez que os insurgentes aguardavam o momento propício para iniciar as suas ações e causar a desordem parano fim alcançar o seu objetivo da queda do governo vigente.

Conforme o movimento crescia, as reações dos contrainsurgentes aumentavam o nível da violência. Contudo, esta escalada na resposta do Estado fez com que muitos militares desertassem por não aceitarem matar indiscriminadamente o seu próprio povo, de forma semelhante ao ocorrido na Líbia (ROGAN, 2017).

No final de junho as mortes ultrapassavam 1.300 civis. Como resposta dos insurgentes, foi criado, no início de julho, o Exército Livre da Síria. A partir deste momento a insurgência aumentou o seu nível de violência também e o conflito se transformou em uma guerra civil (ROGAN, 2017).

Diferentemente do que ocorreu na Líbia, onde os insurgentes rapidamente se organizaram e, com o apoio externo da OTAN, conseguiram derrubar o ditador em menos de um ano, o combate na Síria já ultrapassa dez anos de duração e o governo não foi derrubado. Este fracasso da insurgência se passa pela desorganização dos grupos paramilitares. Em 2013 estimativas apontavam que existiam cerca mil milícias espalhadas pela Síria em oposição ao ditador com um total de mais de cem mil combatentes (SIMÕES, 2021).

Outra característica dessa sangrenta guerra civil foi a internacionalização do conflito. A Síria virou uma zona de disputa da esfera de influências de outros Estados, onde a Rússia, o Irã e o Hezbollah<sup>34</sup> apoiam diretamente o governo do ditador. Por outro lado, os EUA e a Arábia Saudita apoiam alguns grupos insurgentes, ainda que indiretamente com o

---

<sup>34</sup> O Hezbollah é um partido político armado do Líbano, formado por islâmicos xiitas. Este grupo é historicamente apoiado financeiramente pela Síria e pelo Irã (SOUZA, 2020).

fornecimento de armamento, na tentativa de derrubar o governo e conter a influência da Rússia e Irã na região (ROGAN, 2017).

Outro ator importante que surge neste conflito é a Turquia que por um lado fornece refúgio e apoio logístico ao Exército Livre da Síria e por outro ataca a milícia formada pela etnia dos Curdos<sup>35</sup>, impedindo o avanço da mesma contra o regime de Assad e o seu fortalecimento (ROGAN, 2017).

Em 2015 a Rússia passou a apoiar decididamente o ditador sírio com bombardeios nas posições dos diversos grupos insurgentes. Este apoio russo foi fundamental para manter Assad no poder, pois estava perdendo territórios importantes e os rebeldes se aproximavam de Damasco. Além de manter a sua influência no Oriente Médio, a Rússia defende sua única base naval no Mediterrâneo, a Base Naval de Tartus, no noroeste da Síria (ROGAN, 2017).

Enquanto a Rússia passou a apoiar a Síria com suas modernas aeronaves, os EUA passaram a se preocupar com o avanço do grupo terrorista Estado Islâmico no Iraque e al-Sham (Isis)<sup>36</sup>, que em 2016 chegou a ocupar cerca de 25% do território sírio, além de controlar importantes cidades no Iraque. Apenas em 2019 o Isis foi derrotado na Síria por um esforço conjunto de guerra liderado pelos EUA e o Reino Unido, onde participaram inclusive as forças sírias. Após eliminar o Isis, os estadunidenses decidiram se retirar da Síria (SIMÕES,2021).

Em 2016 mais da metade da população já havia sido deslocada, onde milhares se

---

<sup>35</sup> Os Curdos são uma etnia sem Estado definido e se distribuem em um território que compreende a Síria e a Turquia entre outros. Istanbul considera os Curdos uma ameaça a estabilidade na região pelo desejo desta etnia de criar um Estado independente, que compreenderia parte do território turco (LIMA, 2019)

<sup>36</sup> O Isis surgiu no Iraque, inicialmente com a denominação de Estado Islâmico (EI), a partir de grupos de muçulmanos sunitas ligados ao grupo terrorista al-Qaeda. O EI, após se consolidar nas principais cidades no Iraque, aproveitou a situação fragmentada da Síria para ocupar posições no território, quando passou a utilizar a denominação de Isis, onde a palavra al-Sham significa em árabe “cidade de Damasco e a Grande Síria”. O Isis é conhecido pelos seus ataques terrorista e pela violência contra ocidentais e Xiitas (ROGAN, 2017)

mudaram internamente para fugir de zonas conflagradas pela guerra e um pouco menos de um quarto da população saiu do país, buscando segurança para si e sua família (ROGAN,2017). No final de 2020 estimativas apontavam cerca de meio milhão de mortos, sendo 384 mil registrados (SIMÕES, 2021).

Esta guerra civil ainda não terminou e provavelmente é o resultado mais trágico da Primavera Árabe. Neste estudo de caso podemos observar que foi um fracasso, até o momento, para os insurgentes. Como apontado ao longo do trabalho, os rebeldes não conseguiram se organizar em uma força única, poderosa o suficiente para derrubar o Estado. Ao contrário, formaram dezenas de milícias, que não contribuem efetivamente para o objetivo da queda do poder vigente. Pelo lado do contrainsurgente o apoio externo recebido, principalmente dos russos e a retirada dos EUA foram fundamentais para que o ditador Bashar al-Assad permaneça no poder.

### **3.3 Conclusões parciais**

Após esta vasta exposição do objeto, contextualizando historicamente como os povos árabes chegaram até os movimentos insurgentes iniciados em 2010 e detalhando o desenvolvimento dos conflitos na Tunísia, Egito, Líbia e Síria, podemos concluir que as três primeiras conseguiram alcançar o seu objetivo, embora a Líbia só tenha conseguido devido ao apoio prestado pela OTAN.

Tanto no caso Líbia quanto na Síria, as insurgências se desenvolveram de tal forma que viraram guerras civis, atingindo o auge do uso da força e da violência. No conflito em Damasco, que ainda está em desenvolvimento, as forças contrainsurgentes estão prevalecendo no combate, graças ao apoio externo realizado pela Rússia.

É interessante notar que a história dos povos árabes nos leva a entender que a

situação ditatorial, onde o povo era subjugado, oprimido e censurado, não iria perdurar para sempre. Era questão de tempo para os insurgentes se organizarem e aproveitarem o momento certo como estopim para o seu levante. O fato de a Primavera Árabe ter se iniciado em um país pequeno, mas importante geopoliticamente pela sua posição geográfica no centro do Norte da África, pode ter ajudado a espalhar o movimento, o qual foi impulsionado pela cobertura ao vivo dos conflitos e disseminado pela internet e mídias sociais.

A causa bem construída pelos insurgentes manteve o povo no início dos conflitos, independente do nível de violência empregado pelas forças do Estado. Pelo contrário, quanto maior a violência mais o povo se revoltava e aderiu ao movimento, contribuindo com o insurgente, ainda que de forma inconsciente.

Dentre os casos expostos o mais simples de se compreender é o da Tunísia, pois por ser o primeiro, os contrainsurgentes não tiveram tempo para se organizar e reagir e em menos de um mês o ditador renunciou e fugiu. Observamos que de acordo com a questão cronológica, os contrainsurgentes se prepararam e notoriamente os conflitos ficaram mais intensos até o ponto onde a Síria está conseguindo derrotar os insurgentes.

O caso mais complexo neste contexto é o da Síria, que pela sua variedade étnica e religiosa, por ter sido até um passado não muito distante um Estado com fronteiras bem diferentes das atuais, as quais são extensas e limítrofes com outros Estados, e pela sua posição geográfica no centro do Oriente Médio torna difícil a sua compreensão. A disputa pela influência no Oriente Médio ajudou a internacionalizar o conflito, surgindo diversos atores diferentes e que apoiam grupos diferentes.

Desta forma, com o conteúdo construído até aqui, passaremos ao próximo capítulo para verificar se os objetos, que são as revoltas selecionadas, possuem aderência à teoria proposta.

## 4 COMPARAÇÃO ENTRE OS OBJETOS E A TEORIA

Neste capítulo buscaremos verificar se os nossos objetos de estudo possuem aderência com a teoria da contrainsurgência de David Galula. Para tal, iremos comparar os conflitos na Tunísia, Egito, Líbia e Síria, analisando se há aderência entre si e posteriormente com a teoria do nosso estudo.

Ao final desta análise, onde iremos descrever as aderências e as incompatibilidades, apresentaremos uma matriz que representa visualmente os pontos de aderência dos objetos com a teoria, o que irá nos possibilitar concluir de forma assertiva se os eventos ocorridos na Primavera Árabe mantiveram aderência a teoria apresentada.

### 4.1 Similaridades entre os conflitos

Inicialmente é interessante analisarmos mais detalhadamente as semelhanças entre os conflitos estudados, para posteriormente confrontarmos com a teoria certificando que a comparação ficará mais objetiva e não haverá faltas na comparação do estudo apresentado.

O primeiro ponto de similaridade nos conflitos estudados é a causa que os insurgentes utilizaram para obter o apoio da população, que foi basicamente a mesma nos objetos de estudo. Contudo, é interessante notar que o gatilho necessário para o levante da insurgência em todos os Estados foi a revolta popular na Tunísia.

Outra similaridade observada nos conflitos foi o *modus operandi* da contrainsurgência dos Estados. Eles agiram de forma muito parecida, em uma escalada de violência na ordem cronológica em que as insurgências ocorreram. Todos eles usaram basicamente a repressão violenta contra os manifestantes, iniciando com as forças policiais e posteriormente se utilizando do exército. Apesar dos primeiros Estados envolvidos pela Primavera Árabe não terem sucesso na contrainsurgência, se utilizando unicamente da

violência, eles insistiram neste modelo que se mostrou ineficaz.

Como a insurgência obteve sucesso rápido na Tunísia, logo em seguida o Egito começou um movimento insurgente semelhante. Analisando estes dois conflitos podemos traçar diversos paralelos, onde o movimento popular possibilitou o início da insurgência e a contrainsurgência não foi efetiva no seu início. Posteriormente, a liderança do exército deixou de apoiar o governo vigente, proporcionando a vitória dos insurgentes no Estado egípcio assim como ocorrera na Tunísia.

Embora tenham começado de forma semelhante, a Líbia e a Síria se desenvolveram de forma muito diferente em relação ao Egito e à Tunísia. As cúpulas dos exércitos se mantiveram leais aos governos, mas parte da tropa desertou, passando a apoiar os insurgentes, dando início a uma guerra civil em ambos os Estados.

É importante notarmos que a perda do braço contrainsurgente mais importante foi o fator primordial para definir o rumo da insurgência. Enquanto a deslealdade do exército ocorreu na cúpula, o conflito se encerrou e a queda do governante foi uma mera questão de tempo. Em Contrapartida, quando a deserção ocorreu dentro das fileiras inferiores, houve uma ‘ruptura desse braço armado, levando as guerras civis relatadas neste estudo.

Com esta breve comparação entre os conflitos, podemos avançar para observar as aderências dos objetos em relação à teoria.

#### **4.2 Aderência dos objetos com a teoria**

Iniciando pelas características básicas da insurgência citadas no capítulo dois deste estudo, observamos que os rebeldes estavam prontos, aguardando apenas o momento propício para iniciar os conflitos, o que demonstra que houve um planejamento silencioso dos insurgentes, não sendo possível definir quanto tempo durou este período prévio, da mesma forma que o seu início foi imprevisível, demonstrando aderência com a teoria.

Outro ponto que mantém aderência com a teoria proposta é a assimetria de forças no início do movimento insurgente. Nos quatro casos analisados as forças estatais eram muito mais fortes do que os rebeldes, que estavam inseridos na população. Com a evolução dos conflitos passaram a usar armas improvisadas como o coquetel molotov, mas logicamente não se comparando com a força militar dos contrainsurgentes.

David Galula cita o apoio da população como fundamental para o sucesso do insurgente, devendo ser alvo de atenção do Estado para evitar o levante rebelde. A disputa pelo apoio populacional é uma questão central, indicando quem vencerá este embate. Nos Estados estudados os insurgentes envolveram a população, mesmo sem ela saber que estava apoiando um grupo insurgente.

Observamos que para angariar o apoio populacional e coordenar as ações foi usada a internet por meio das redes sociais. A mídia televisiva contribuiu muito neste sentido, divulgando os conflitos, realizando uma propaganda acidental em favor do insurgente, fator importante de acordo com a teoria apresentada. Por outro lado, os Estados não foram capazes de perceber que ao longo dos muitos anos de governo o apoio populacional se degradou, e que isto poderia ser uma ameaça à estabilidade interna.

Nas características gerais, percebemos nitidamente que se o contrainsurgente estiver despreparado e for surpreendido pelo movimento rebelde, ele pode desmoronar rapidamente, como aconteceu na Tunísia e no Egito, onde independente da violência empregada pelo governo, não resistiram por um mês após o início das manifestações.

Passando para os pré-requisitos evidenciados por Galula, ele cita a debilidade do contrainsurgente que depende da capacidade do Estado de controlar a população, variando conforme a estrutura política dos governos e com a capacidade das forças contrainsurgentes, como demonstrado no nosso capítulo dois.

Observa-se que as estruturas políticas dos Estados eram todas ditatoriais, mas

apesar de governarem com mão de ferro, podemos perceber que não foi suficiente para controlar a população e debelar a insurgência no seu começo. Como exposto na teoria, uma ditadura unipartidária facilita o desenvolvimento da insurgência, como ocorria nos nossos objetos, tendo em vista que não há oposição.

Desta forma, o longo período dos governos ditatoriais sem haver oposição levou a uma falsa estabilidade interna, enquanto na realidade os diversos problemas que existiam não eram percebidos ou eram ignorados pelo Estado, facilitando o surgimento de uma causa bem fundamentada para o insurgente, conforme observamos no nosso estudo dos casos.

Em relação à capacidade do contrainsurgente em controlar a população, podemos depreender que as forças armadas não foram leais aos ditadores nos quatro objetos conforme evidenciado nas similaridades dos conflitos. Na Tunísia e no Egito a deslealdade foi no nível mais alto da corporação, enquanto na Líbia e Síria a deserção foi no seio da tropa, onde elementos subversivos demonstraram apreço pela causa dos insurgentes, não aceitando cumprir as ordens cruéis de abrir fogo contra a população.

Após esta exposição podemos concluir que há aderência do objeto em relação à teoria no pré-requisito da debilidade do contrainsurgente, como observado nos casos da Tunísia, Egito e Síria. O caso da Líbia será exposto como uma incompatibilidade.

O segundo pré-requisito apresentado neste estudo trata das condições geográficas dos Estados, observando o posicionamento geográfico, o tamanho, sua população e por último as suas fronteiras internas e externas. Vale ressaltar que os Estados vizinhos também podem influenciar sendo favorável ou desfavorável na questão insurgente.

Observamos que apesar da Tunísia ser um Estado de pouca expressão no continente africano, ele tem uma posição geográfica central no Norte da África, o que podemos considerar que influenciou o movimento nos outros Estados, o que seria mais difícil se a sua posição fosse limitada geograficamente como no caso do Kuwait ou no Catar, o que



corroborar com a teoria apresentada.

Em relação aos vizinhos e as fronteiras, o caso mais notório aconteceu na Síria, onde seus vizinhos favorecem tanto os contrainsurgentes no caso do Hezbollah oriundo do Líbano, como os insurgentes no caso da Turquia, onde o Exército Livre da Síria se aproveitava da fronteira para buscar refúgio e apoio logístico.

O último pré-requisito exposto no capítulo dois é o apoio externo prestado por outros Estados que podem influenciar o destino do movimento insurgente, como observamos na Líbia e Síria.

As duas guerras tomaram caminhos diferentes devido ao apoio externo, conforme afirma a teoria de Galula. Na Líbia a OTAN favoreceu os insurgentes que estavam praticamente derrotados, e no caso da Síria o ditador Assad se mantém no poder devido aos apoios externos prestados pelo Hezbollah, Irã e principalmente pela Rússia, que foi decisiva quando os contrainsurgentes estavam quase cercados em Damasco.

Podemos observar neste primeiro momento que existem diversas aderências dos nossos objetos com a teoria de David Galula, mas antes de concluirmos, analisaremos as incompatibilidades observadas, para enfim apresentarmos a matriz com os resultados obtidos.

### **4.3 Incompatibilidade dos objetos com a teoria**

Passaremos a analisar os eventos ocorridos nos Estados selecionados para o nosso estudo que não apresentaram aderência com a teoria do contrainsurgente de David Galula.

Inicialmente, dentro das características gerais da teoria, não foi observado nos nossos Estados selecionados o uso da tática *hit and run* que usualmente é empregada pela força mais fraca, evitando assim o confronto direto com o contrainsurgente. Embora os rebeldes inicialmente não buscassem o confronto, rapidamente o movimento aumentou o seu nível de violência ocorrendo os confrontos diretos.

Outro ponto que não houve aderência na teoria é que segundo Galula os rebeldes precisam se fortalecer ainda na fase de planejamento, adquirindo armas para ocorrer o levante. Naturalmente neste início a insurgência ainda seria fraca militarmente, mas não foi observado o uso de armas pelos rebeldes no começo dos movimentos. No caso das guerras civis o armamento utilizado era oriundo da parcela da força armada desertora.

Passando aos pré-requisitos, identificamos que segundo os critérios da teoria, poderíamos considerar a contrainsurgência na Líbia débil. Contudo observamos nitidamente que o sucesso do insurgente neste caso ocorreu pelo apoio externo da OTAN, e não pela ineficiência das forças estatais, que estavam prestes a debelar a insurgência no seu foco em Benghazi. Desta forma podemos concluir que a contrainsurgência na Líbia não era débil havendo uma incompatibilidade entre os fatos ocorridos neste caso com a teoria.

Sobre a questão das condições geográficas concluimos que no nosso estudo de caso não foi um fator importante o tamanho dos Estados e sua população, apresentando uma incompatibilidade neste quesito. Podemos observar no APÊNDICE A que a Tunísia e a Síria são Estados pequenos e com resultados da insurgência opostos, o que demonstra que não influenciou no resultado.

A Líbia e o Egito são Estados grandes, mas a o primeiro tem uma pequena população, ao contrário do Egito. No caso egípcio, este fator poderia ser validado, tendo em vista que cumpria o binômio Estado e população grandes, contudo não foi aproveitado pelos insurgentes, pois as manifestações ocorreram com alta intensidade apenas no Cairo, o que pela teoria facilitaria o contrainsurgente, demonstrando uma clara divergência com a teoria.

Observando a questão do posicionamento dos Estados vizinhos concluimos que também não houve influência no resultado final das insurgências, tendo em vista que não era do interesse de nenhum Estado no Norte da África ou do Oriente Médio que a insurgência fosse exitosa e mesmo assim a Tunísia, a Líbia e o Egito alcançaram seus objetivos, não

apresentando aderência com a teoria.

Por último, não foi observado em nenhum dos nossos casos o aproveitamento pelos insurgentes das fronteiras internas dos Estados, pois poderiam ser áreas menos controladas pelos contrainsurgentes, apresentando incompatibilidade com a teoria.

#### 4.4 Apresentação da Matriz

A partir dos resultados apontados entre as aderências e as incompatibilidades, podemos estruturar a seguinte matriz, que nos possibilita visualizar de forma clara e objetiva o resultado final da nossa comparação.

TABELA 1 – Matriz de comparação dos objetos com a teoria.

|   | TUNÍSIA | EGITO | LÍBIA | SÍRIA |
|---|---------|-------|-------|-------|
| A INSURGÊNCIA FOI PLANEJADA                             | ✓       | ✓     | ✓     | ✓     |
| INÍCIO IMPREVISÍVEL/USO DO GATILHO                      | ✓       | ✓     | ✓     | ✓     |
| ASSIMETRIA INICIAL ENTRE AS FORÇAS                      | ✓       | ✓     | ✓     | ✓     |
| EVITAR O CONFLITO/ HIT AND RUN                          | ✗       | ✗     | ✗     | ✗     |
| APOIO POPULACIONAL                                      | ✓       | ✓     | ✓     | ✓     |
| PROPAGANDA  | ✓       | ✓     | ✓     | ✓     |
| AQUISIÇÃO DE ARMAS DURANTE O PLANEJAMENTO               | ✗       | ✗     | ✗     | ✗     |
| DEBILIDADE DO CONTRAINSURGENTE                          | ✓       | ✓     | ✗     | ✓     |
| CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS - LOCALIZAÇÃO/VIZINHOS            | ✓       | ✗     | ✗     | ✗     |
| CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS - TAMANHO DO ESTADO E POPULAÇÃO   | ✗       | ✗     | ✗     | ✗     |
| CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS - FRONTEIRAS INTERNAS OU EXTERNAS | ✗       | ✗     | ✗     | ✓     |
| APOIO EXTERNO   | ⊘       | ⊘     | ✓     | ✓     |

Legendas- Símbolos ✓ - ocorreu; ✗ não ocorreu; ⊘ - não aplicável.

Cores: ■ - ocorreu em todos; ■ - não ocorreu em nenhum; ■ - ocorreu em alguns casos.

Apoiados nesta matriz, em conjunto com a comparação descrita ao longo do capítulo, acreditamos que podemos avançar para o capítulo final deste estudo, onde podemos concluir e responder de forma assertiva, se os conflitos ocorridos na Tunísia, Egito, Líbia e Síria, por ocasião da Primavera Árabe, mantiveram aderência a teoria da contrainsurgência de David Galula.

## 5 CONCLUSÃO

Esse estudo teve como propósito verificar se os eventos ocorridos na Primavera Árabe tiveram aderência com a teoria da contrainsurgência do coronel David Galula. Para tal, selecionamos quatro objetos de estudo como uma amostra representativa deste evento.

Selecionamos inicialmente o Estado da Tunísia, por ter sido onde começou a insurgência. O Egito, que foi o segundo afetado pelo movimento, por ser o maior Estado do Norte da África, sendo muito importante geopoliticamente, e por ter feito o movimento ganhar vulto internacionalmente, influenciando os outros Estados. Selecionamos a Líbia e a Síria onde os confrontos contra os insurgentes transformaram-se em guerras civis.

Ao selecionarmos estes objetos acreditamos que foi uma amostragem que representa a diversidade deste fenômeno com características, desenvolvimentos e até resultados diferentes, proporcionando subsídios para atingir o propósito citado. Desta forma, esta dissertação foi estruturada como uma comparação entre os objetos e a teoria mencionada.

Após definirmos os objetos, passamos a estudar a teoria selecionada, onde buscamos de forma resumida e suficiente, apresentar os conceitos desenvolvidos por Galula. Iniciamos este detalhamento conceituando o que seria a insurgência, depois apresentamos as peculiaridades do movimento insurgente e por fim os pré-requisitos, definidos pelo teórico, que seriam necessários para que a insurgência fosse exitosa.

Este arcabouço teórico demonstrou que o objetivo maior do insurgente é a troca do governo vigente e para atingi-lo ele precisa angariar o apoio da população. Este suporte populacional é conseguido com uma causa bem fundamentada, a qual usualmente se ampara nas deficiências do governo. Os pré-requisitos expostos iniciam com a debilidade do contrainsurgente, que passa pela capacidade do Estado controlar o seu povo, o que depende do sistema de governo e da capacidade e lealdade das forças estatais. Apresentamos também

as condições geográficas e o apoio externo como pré-requisitos necessários para o sucesso da insurgência.

Antes de realizarmos a comparação, foi necessário estudarmos e nos aprofundarmos nos objetos selecionados. Destarte, realizamos uma contextualização histórica dos povos árabes que abarcou desde o seu domínio pelo Império Otomano até as vésperas da Primavera Árabe, passando pela colonização anglo-francesa dos Estados árabes após a IGM, a independência e os golpes militares ocorridos nestes Estados.

Desta análise histórica concluímos que a causa usada pelos insurgentes foi comum a todos os nossos objetos, usando o anseio dos povos árabes pela verdadeira independência, liberdade, melhores condições de vida, justiça entre outros motivos sociais.

Após esta exposição histórica, passamos a analisar as insurgências em cada um dos objetos analisados. Buscamos as principais características, identificando como se iniciou e o desenvolvimento dos movimentos insurgentes. Observamos neste estudo que a internet foi muito utilizada pelos rebeldes na coordenação dos movimentos e que tanto na Tunísia como no Egito a contrainsurgência não foi suficiente para conter os rebeldes. Por outro lado, vimos que tanto na Líbia, quanto na Síria o que definiu o rumo dos conflitos foi o apoio externo prestado pela OTAN e Rússia, respectivamente.

Com o conhecimento desenvolvido ao longo do estudo, seguimos para o cerne do nosso trabalho onde realizamos a comparação dos nossos objetos com a teoria. Iniciamos apontando as similaridades dos conflitos entre si e posteriormente os mesmos com a teoria, verificando os pontos de aderência encontrados. Depois seguimos demonstrando as incompatibilidades e por fim, inserimos a matriz 5.1 com os resultados obtidos nesta comparação, com o intuito de facilitar a visualização e chegarmos a uma conclusão precisa do resultado.

Nesta comparação verificamos que existiu uma similaridade nas insurgências

ocorridas na Tunísia e no Egito, onde apesar da violência empregada pelas forças do Estado, na tentativa de debelar o movimento, os rebeldes conseguiram derrubar o governo vigente. Da mesma forma houve semelhança entre a Líbia e a Síria, pois em ambos os movimentos insurgentes se tornaram guerras civis, sendo que a Síria ainda está em desenvolvimento.

Observamos que dentro das similaridades que nos indicou as aderências dos objetos com a teoria, encontramos diversos pontos como a assimetria das forças entre os rebeldes e os contrainsurgentes no início do movimento e o apoio populacional conquistado pelos insurgentes nas características gerais da teoria. Nos pré-requisitos observamos a aderência em um ponto comum em todos os nossos objetos, a importância fundamental da lealdade das forças contrainsurgentes ao governo. No nosso estudo, os ditadores perderam o apoio do exército ao longo dos conflitos, seja como um todo ou apenas uma parcela de suas tropas, o que invariavelmente alterou o curso dos conflitos.

Por outro lado encontramos como incompatibilidade que os insurgentes não evitaram o conflito, conforme demonstrado na teoria. É interessante notar que alguns fatos não observados poderiam ter contribuído com os contrainsurgentes como o tamanho dos Estados e da sua população, mas por não ter ocorrido perdeu a aderência com a teoria.

Apoiados na matriz exposta no capítulo da comparação, observamos claramente que os objetos selecionados mantiveram aderência com a teoria de David Galula, e as incompatibilidades não invalidaram esta conclusão. A aderência à teoria foi mantida em cerca de 60% dos elementos da matriz e desta forma podemos concluir que a teoria da contrainsurgência permaneceu aplicável nos movimentos insurgentes da Primavera Árabe.

Após esta conclusão, acreditamos que seria de grande valia um estudo futuro buscando o aprofundamento nos conflitos que ocorrem na Síria tendo em vista que ainda é um assunto pouco explorado e extremamente complexo, com diversos atores que participam nesta guerra civil, que já dura mais de dez anos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMS, Elliott, *REALISM AND DEMOCRACY American Foreign Policy after the Arab Spring*. New York: Cambridge University Press, 2017. 295 p.

AUGUSTYN, Adam *et al.* *Gafsa – Tunisia*. Encyclopedia Britannica, 2014. Disponível em: <[britannica.com/place/Gafsa](https://www.britannica.com/place/Gafsa)>, acesso em 17 de julho de 2021.

BEZERRA, Juliana, *Primavera Árabe*. Toda Matéria, maio 2018. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/primavera-arabe/>>, acesso em 10 de agosto de 2021.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*, 2.ed. São Paulo: Ed. Fundamento Educacional, 2010. 307 p.

BONANATE, Luigi. *A Guerra*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 175 p. Título Original: *La Guerra*.

BORÇA JUNIOR, Gilberto Rodrigues; TORRES FILHO, Ernani Teixeira. *Analisando a Crise do Subprime*. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, v.15, n.30, p. 129-159, dez. 2008. Disponível em: <[https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev3005.pdf](https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev3005.pdf)>, acesso em 15 de julho de 2021.

BRANCOLI, Fernando, *Primavera Árabe, praças, ruas e revoltas*. São Paulo, Desatino. 2013. 142 p.

BRITANNICA ESCOLA, *Tunísia*. 2021. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Tunisia/482721>>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

CRUZ, Diane. *Violência como sustentação e deterioração no Estado sírio*. Boletim Geocorrente. Rio de Janeiro, v.13, p. 4, maio 2015. Disponível em: <[https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/flipping\\_book/index\\_11/mobile/index.html](https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/flipping_book/index_11/mobile/index.html)>, acesso em 16 de julho de 2021.

DIAS, Reinaldo. *Ciência Política*. 2.ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2013. 320 p.

FERNANDES, Ernani Maurício. *Primavera Árabe 2010 - 2011*. Betim: Nannolivro, 2012. 251 p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.

G1. *Assad anuncia fim do longo estado de emergência na Síria*. Abr.2011. Disponível em: <[g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/assad-anuncia-fim-do-longo-estado-de-emergencia-na-siria-1.html](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/assad-anuncia-fim-do-longo-estado-de-emergencia-na-siria-1.html)>, acesso em 16 de julho de 2021.

GALULA, David, *Counterinsurgency warfare : theory and practice*, New York ; Boston : Frederick A. Praeger, 1964. 143 p.

GIOVANAZ, Daniel, *Da euforia à realidade: os descaminhos da Primavera Árabe, dez anos depois*. Brasil de Fato, São Paulo, fev. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/02/24/da-euforia-a-realidade-os-descaminhos-da-primavera-arabe-dez-anos-depois>>, acesso em 06 de julho de 2021.

GUITARRARA, Paloma. *Egito*. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/egito-1.htm>>, acesso em 10 de agosto de 2021.

HOUNARI, Albert, *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1991. 704 p.

KILSON, Pedro. *Primavera para os Estados Unidos, inverno para a África*. Boletim Geocorrente. Rio de Janeiro, v.31, p. 5, abr. 2016. Disponível em: <[https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/flipping\\_book/index\\_29/mobile/index.html](https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/flipping_book/index_29/mobile/index.html)>, acesso em 08 de julho de 2021).

LIMA, Renan. *Curdos, o maior povo apátrida do mundo*. Politize, out. 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/curdos/>>, acesso em 06 de julho de 2021.

LUZ, Camila, *Primavera Árabe: o que aconteceu no Oriente Médio?* Politize, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/primavera-arabe/>>, acesso em 06 de julho de 2021.



MAGNOLI, Demétrio, *História das Guerras*. 3.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2006. 480 p.

MARCUS, Jonathan, *Otan, 70 anos: por que a aliança militar passa por seu pior momento*. BBC News Brasil, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50643725>>, acesso em 10 de agosto de 2021.

MULLEN, Matt; ONION, Amanda; SULLIVAN, Missy, *Syria*, History, ago. 2021. Disponível em: <[history.com/topics/middle-east/the-history-of-syria](https://www.history.com/topics/middle-east/the-history-of-syria)>, acesso em 02 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Sara. *A tragédia da Tunísia: Desafetos externos e internos*, Boletim Geocorrente. Rio de Janeiro, v.11, p. 5, abr. 2015. Disponível em: <[https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/flipping\\_book/index\\_9/mobile/index.html](https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/flipping_book/index_9/mobile/index.html)>, acesso em 12 de julho de 2021.

ROGAN, Eugene L. *The Arabs: A history*. 2.ed, New York: Hachette Book Group, 2017. 788 p.

SANTANA, Ana Lucia, *Síria*. Infoescola, 2021. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/oriente-medio/siria/>>, acesso em 10 de agosto de 2021.

SCAVO. Nello, *Um rastro de morte*. Instituto Humanitas Unisinos, ago. 2020. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602238-um-rastro-de-morte>>, acesso em 10 de agosto de 2021.

SEITENFUS, Ricardo, *Relações Internacionais*. 2.ed., São Paulo: Manole, 2013. 216 p.

SIMÕES, Rogério, *O que foi e como terminou a Primavera Árabe?* BBC News Brasil, Londres, fev. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>>, acesso em 12 de julho de 2021.

SOUZA, Isabela, *Hezbollah: entenda tudo sobre o grupo*. Politize, jan. 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/hezbollah/>>, acesso em 17 de julho de 2021.

SOUZA, Jorge Luiz de, *O que é? IDH*. Desafios do desenvolvimento, Brasília, v.5, n.39, 2008. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2144:catid=28&Itemid=23](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2144:catid=28&Itemid=23)>, acesso em 16 de julho de 2021.

THE WORLD BANK, *Inequality, uprisings, and conflict in the Arab World*. Out. 2015. Disponível em: <<https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/303441467992017147/inequality-uprisings-and-conflict-in-the-arab-world>>, acesso em 10 de julho de 2021.

\_\_\_\_\_, *Poverty headcount ratio at \$3,20a day (2011) – Egypt, Arab Rep.*. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.LMIC?locations=EG>> acesso em 17 de julho de 2021.

UNITED NATIONS, *About us*. jun. 2021. Disponível em: <<https://www.un.org/en/about-us>>, acesso em 08 de agosto de 2021.

VISENTINI, Paulo Fagundes, *A Primavera Árabe: entre a nova democracia e a velha geopolítica*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012, 184 p.

**APÊNDICE A**

TABELA 2 – Tamanho dos Estados e das populações em 2011.

| <b>ESTADOS</b> | <b>TAMANHO (KM2)</b> | <b>POPULAÇÃO</b> |
|----------------|----------------------|------------------|
| Tunísia        | 163.610              | 10.594.057       |
| Egito          | 1.001.450            | 82.520.700       |
| Líbia          | 1.759.540            | 6.422.772        |
| Síria          | 185.180              | 20.766.034       |

Fonte: VISENTINI, 2012

## ANEXO A

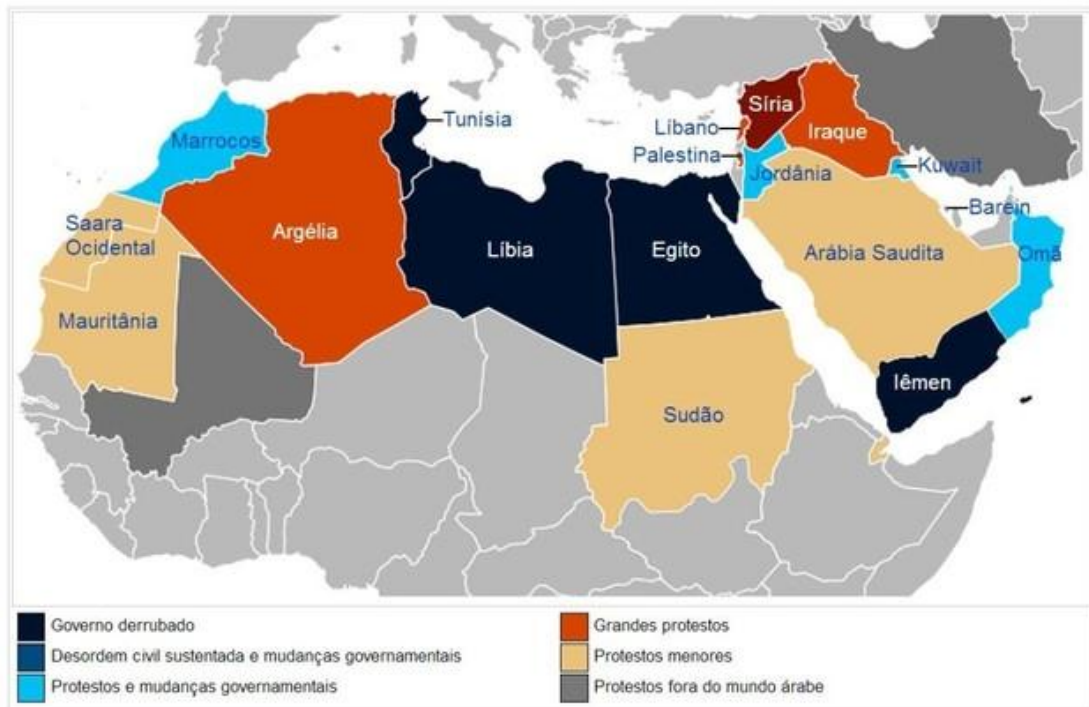


FIGURA 1 – Mapa dos Estados envolvidos na Primavera Árabe.

Fonte: BEZERRA, 2018

## ANEXO B



FIGURA 2 – Posição geográfica e fronteiras da Tunísia.

Fonte: BRITANNICA ESCOLA, 2021

## ANEXO C

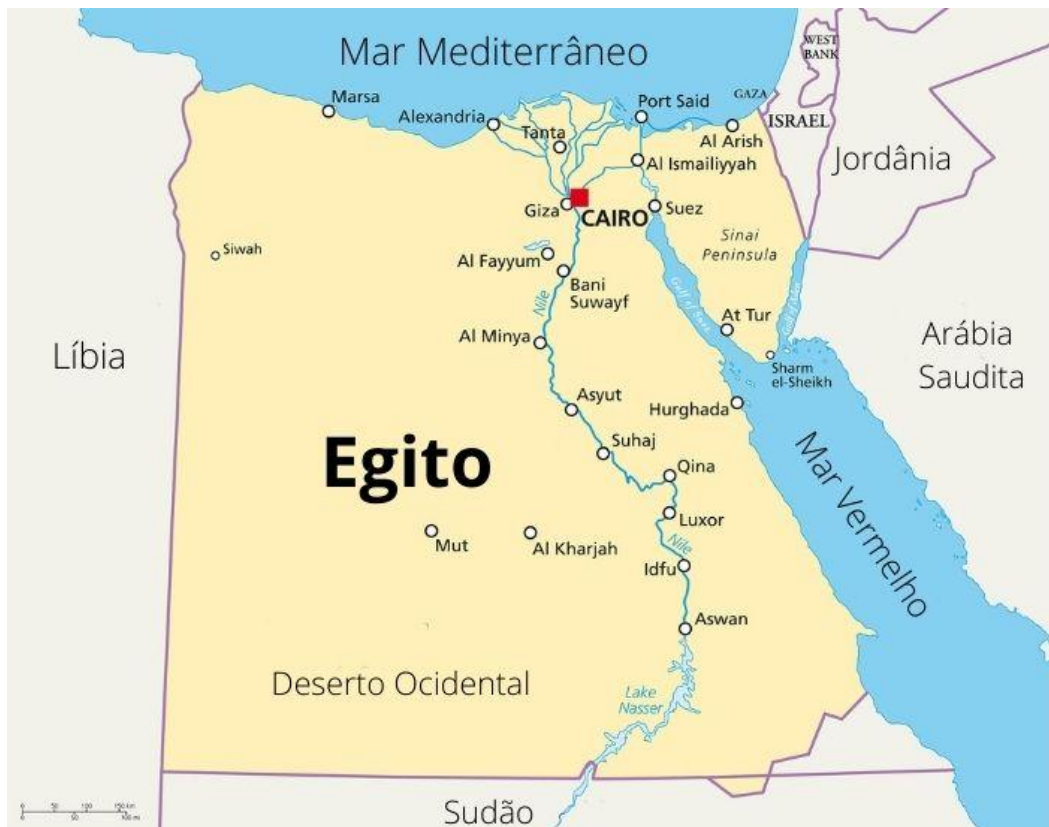


FIGURA 3 – Posição geográfica e fronteiras do Egito.

Fonte: GUITARRARA, 2021

## ANEXO D

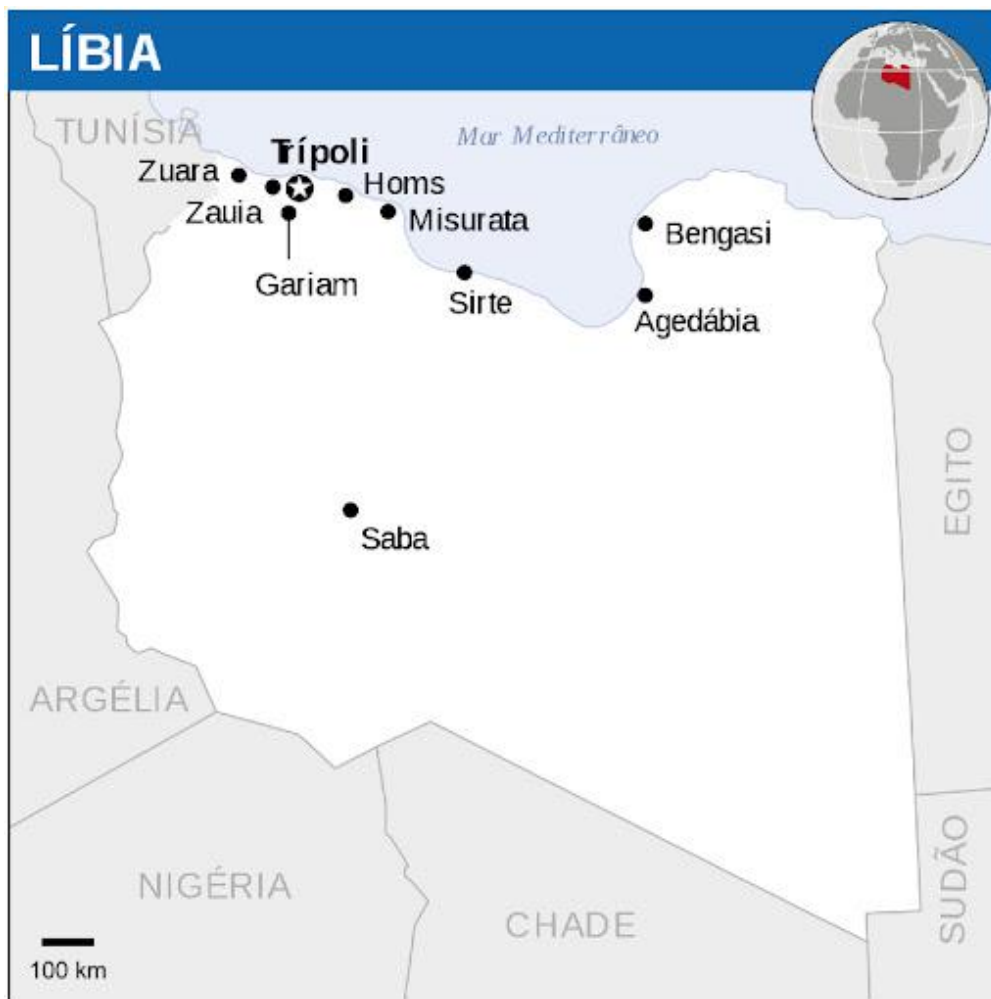


FIGURA 4 – Posição geográfica e fronteiras da Líbia.

Fonte: SCAVO, 2020

## ANEXO E



FIGURA 5 – Posição geográfica e fronteiras da Síria.

Fonte: SANTANA, 2021